

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Altair Silva

Presidente da Epagri
Edilene Steinwandter

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2022

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto

Carlos Koji Kato

Claudio Luis da Silveira

Cleverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Evandro Uberdan Anater

Getúlio Tadeu Tonet

Gilberto Luiz Curti

Nilsa Luzzi

Orlando Fuchs

Sidaura Lessa Graciosa

Edição: fevereiro de 2022 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014) –

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria. A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Safras; Conjuntura

ISSN: 2764-7579 (on-line)

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Edilene Steinwandter
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura	5
Maçã	5
Grãos	8
Arroz	8
Feijão	11
Milho.....	14
Soja	18
Trigo.....	21
Hortaliças	23
Alho.....	23
Cebola.....	27
Pecuária	30
Avicultura.....	30
Bovinocultura	35
Suinocultura.....	39
Leite	44

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

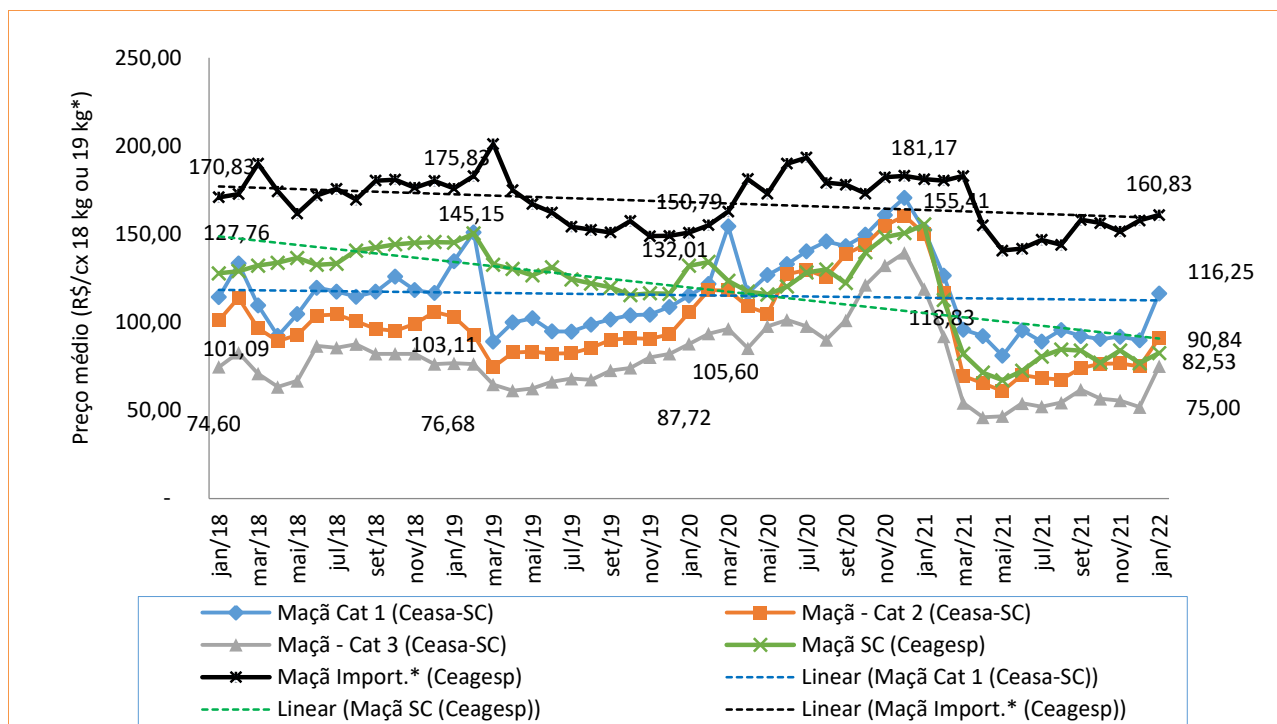


Figura 1. Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado

(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço corrigido pelo IGP-DI (jan/22=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Na Ceasa/SC, entre dezembro/21 e janeiro/22 houve valorização nos preços da maçã categoria 1 de 29,4%, em função da redução na oferta da fruta. A maçã de categoria 2 valorizou 21,1%, depois da redução de 2,1%, entre novembro e dezembro de 2021. Em janeiro, os preços das categorias 2 e 3 representaram respectivamente 78% e 65% do valor da fruta de categoria 1. No comparativo com janeiro de 2021, as cotações de 2022 estão desvalorizadas em 23,7% para categoria 1, 39,5% para categoria 2 e 36,9% para categoria 3. Nas classificadoras, com estoques da safra anterior finalizados, a baixa oferta de maçãs precoces e galas miúdas valorizaram as cotações da fruta.

Na Ceagesp, o preço da maçã catarinense desvalorizou 7,7% entre dezembro/21 e janeiro/22 com aumento na participação do volume comercializado de 43,7% para 50,5%, respectivamente. Entre 2020 e 2021 o volume total negociado da fruta catarinense, nas centrais de abastecimento de todo país, aumentou 22% com 185,0 mil toneladas da fruta em 2021, sendo cerca de 35% comercializado apenas na Ceagesp paulistana. As maçãs importadas estão com as cotações de janeiro/22 desvalorizadas 11,2% em relação ao ano anterior e com preços 95% acima dos da maçã catarinense na Ceagesp.

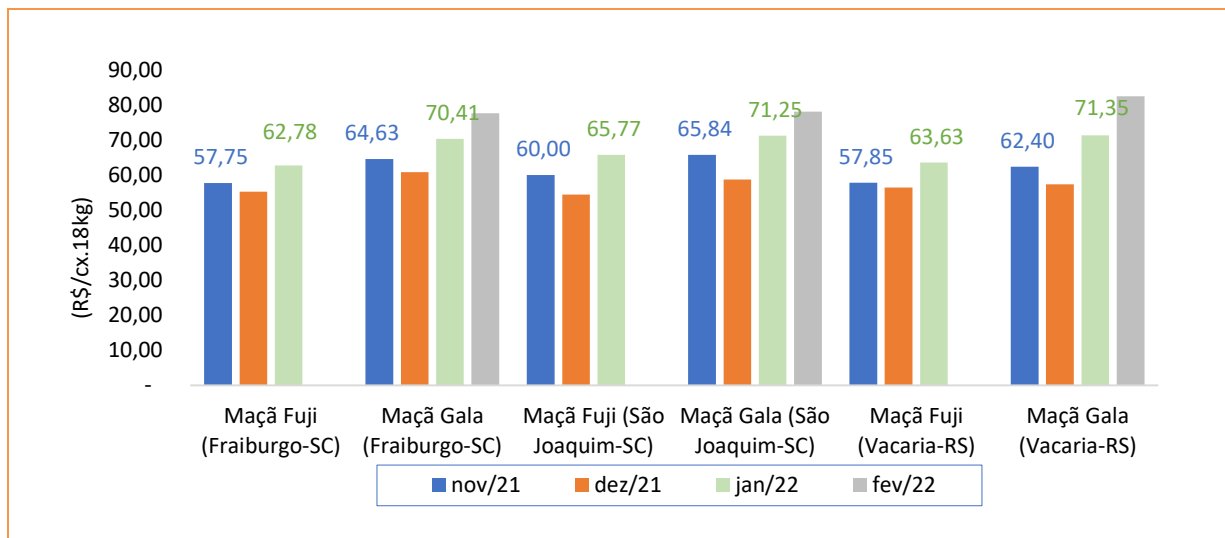


Figura 2. Maçã: Santa Catarina e Rio Grande do Sul – preço médio ao produtor

Nota: Maçã (cat.1) embalada; fev. até o dia 11do mês.

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Na região de Fraiburgo (SC), houve valorização nos preços de ambas as variedades devido a redução da oferta nas classificadoras das frutas da safra anterior. Na 2ª quinzena de janeiro a colheita da maçã Gala em alguns pomares iniciou com frutas miúdas, mas com qualidade adequada ao mercado. A estiagem afetou o desenvolvimento das frutas na região com a diminuição no calibre. Nas duas primeiras semanas de fevereiro já estavam colhidos mais 30% da maçã Gala, com valorização de 10,3% nos preços da cultivar. A estiagem afeta alguns municípios produtores da região, que já decretaram estado de emergência em função da crise hídrica.

Em São Joaquim (SC), no mês de janeiro/22 houve valorização nas cotações em torno de 21%, com relação ao mês anterior. A baixa oferta da maçã Fuji no mercado, devido ao menor estoque da safra 20/21 nas classificadoras, valorizou os preços da variedade. A estiagem também afeta a região com efeitos sentidos em alguns pomares. A expectativa é a presença de chuva nos próximos meses para que a maçã Fuji não seja tão afetada pelos efeitos da crise hídrica na região.

Na região de Vacaria (RS), com o final dos estoques das frutas, as cotações foram valorizadas 18%, em média, com perspectiva de aumento de mais 15% em fevereiro. Com a forte estiagem nos municípios gaúchos, a produção está sendo afetada principalmente com redução no calibre das frutas. Com percentual maior da produção colhido que o de Santa Catarina, a expectativa é que possa haver redução no volume colhido em relação ao ano anterior.

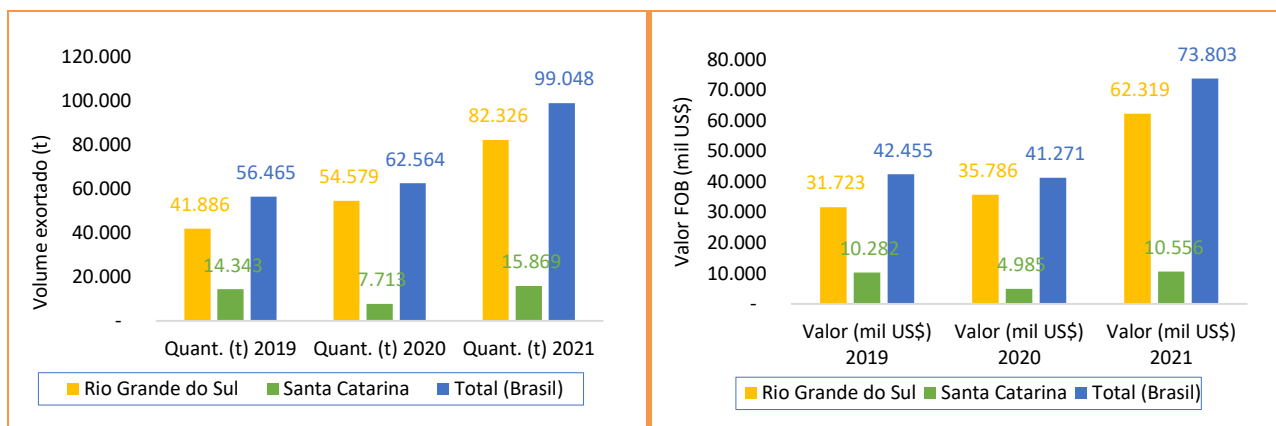


Figura 3. Maçã – Exportações de Santa Catarina e Rio Grande do Sul –2019-21

Fonte: Comexstat/MDIC.

Em 2021, na exportação brasileira de maçãs houve recuperação de 78,8% no valor das exportações com aumento 58,3% no volume exportado da fruta. Do volume exportado da fruta, Bangladesh representou 24,4% das exportações, com ampliação de mais de 6,3 mil toneladas, seguida da Índia com 24,1% e ampliação de mais de 17,0 mil toneladas e da Federação Russa com 21,4% com mais de 1,6 mil toneladas da fruta. O estado catarinense apresentou recuperação com a ampliação da participação no volume exportado da fruta de 12,33% para 16,02%, entre 2020 e 2021. Em relação ao valor das exportações da fruta, após a redução de 51,5% entre 2019 e 2020 resultante da queda de 46,2% no volume exportado, Santa Catarina aumentou em 111,8% os valores de 2020, passando de US\$ 4,9 milhões para US\$ 10,5 milhões, entre 2020 e 2021. Já o Rio Grande do Sul manteve crescimento na quantidade exportada com acréscimo de 50,8% entre 2020 e 2021, e aumento de 74,1% dos valores negociados.

Tabela 1. Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2020/21 e a estimativa atual de 2021/22

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa 2020/21			Estimativa atual 2021/22			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.480	97.312	39.239	2.586	93.775	36.263	4,27	-3,63	-7,58
Curitibanos	959	39.655	41.350	956	34.290	35.868	-0,31	-13,53	-13,26
Campos de Lages	11.718	459.280	39.194	11.762	471.041	40.048	0,38	2,56	2,18
Outras	114	2.492	21.860	110	2.450	22.273	-3,51	-1,69	1,89
Total	15.271	598.738	39.208	15.414	601.556	39.027	0,94	0,47	-0,46

Fonte: Epagri/Cepa, fev. 2021.

As estimativas para a safra 2021/22 foram ajustadas, após efeitos da estiagem que afetaram alguns pomares, com a redução de 9,1% na produção catarinense prevista, entre novembro/21 e janeiro/22. Nas principais microrregiões o ajuste na produção foi de redução de 14,5% em Curitibanos, 9,77% nos Campos de Lages e de 3,46% em Joaçaba. Mas, em relação a safra anterior (20/21) ainda é esperado aumento na produção estadual de 2.818 toneladas (0,47%).

Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado de arroz segue se comportando de maneira inesperada, de acordo com o movimento sazonal previsto ao longo do ano. Em Santa Catarina, os preços médios pagos aos produtores no mês de janeiro fecharam em R\$62,00/saca de 50kg, confirmando uma redução de 2,76% em relação a dezembro. No Rio Grande do Sul, os preços de janeiro fecharam em R\$62,80/saca de 50kg, 1,46% menor do que o fechamento de dezembro. Esse comportamento é tido como atípico, visto que nesse período, historicamente, são observados os maiores preços, em razão da baixa oferta e concentração da comercialização no primeiro semestre do ano. A redução da renda da população em termos reais resultou em retração da demanda interna, que combinada à redução das exportações em 2021, comparativamente a 2020, levou ao aumento da disponibilidade interna do grão e, conseqüentemente, redução dos preços ao produtor. Com o avanço da safra e início da colheita, esperava-se que os preços ao produtor continuassem caindo, o que gerava preocupação quanto à capacidade dos produtores em cobrir os custos de produção que foram elevados na safra. No entanto, na primeira quinzena de fevereiro observou-se um aumento acentuado dos preços, explicado pelo aumento das exportações, haja vista que o Brasil está com estoques elevados, bem como pela expectativa de quebra da safra gaúcha em aproximadamente 11%. Santa Catarina, apesar de não ter apresentado aumento significativo das exportações em janeiro e não ter expectativa de frustração de safra teve seus preços influenciados pelo comportamento do mercado gaúcho, tendo a Praça Sul Catarinense, mais próxima do Rio Grande do Sul, por exemplo, apresentado preço mais comum de R\$69,00/saca de 50kg nos últimos dias.

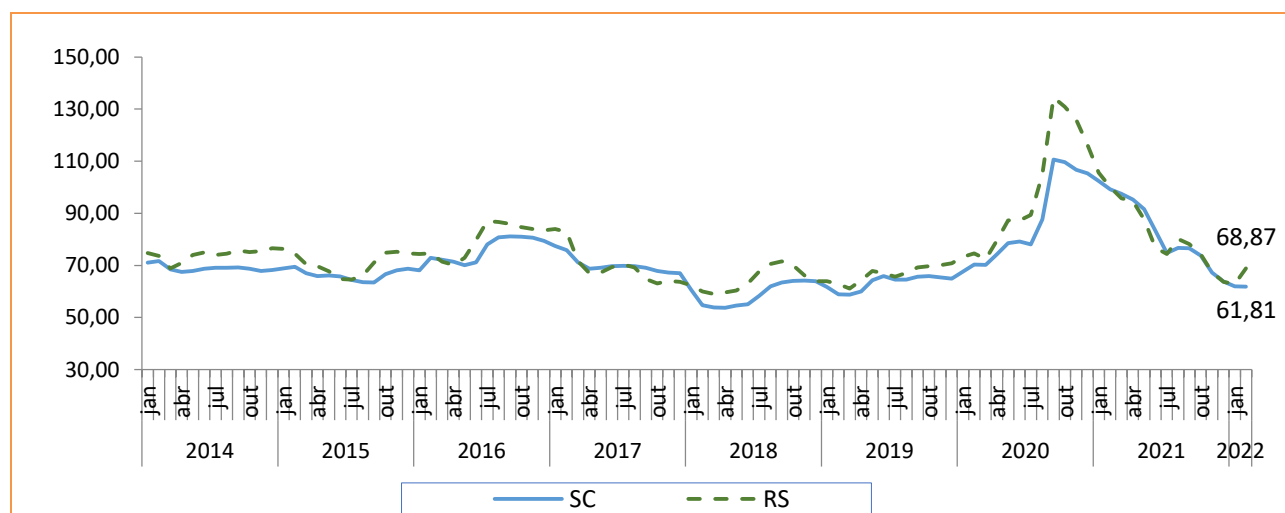


Figura 1. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2014 a fevereiro⁽¹⁾/2021)

⁽¹⁾ Preço médio da primeira quinzena.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS) fevereiro/2021.

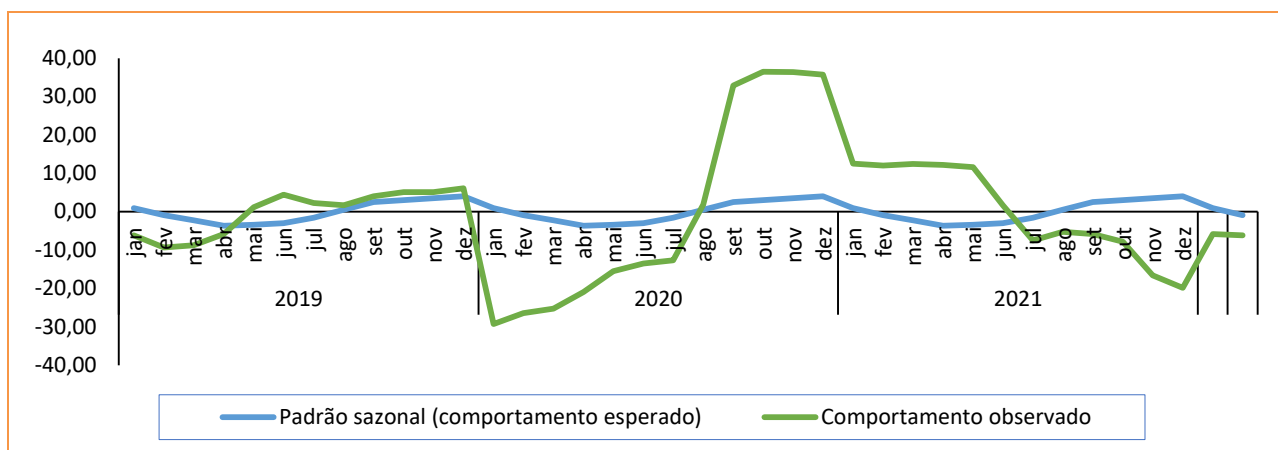


Figura 2. Arroz irrigado – Santa Catarina: evolução do comportamento esperado e observado dos preços ao produtor – (janeiro/2019 a dezembro/2021)

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2022.

Mercado Externo

No que se refere às exportações, observa-se que em 2021, Santa Catarina exportou cerca de 64% menos do que o valor exportado em 2020. Apesar de em 2021 o valor ser inferior ao exportado em 2020, demonstra uma participação maior do que nos anos tidos como normais para o mercado externo catarinense. Destacam-se como principais destinos das exportações em 2021, Trinidad e Tobago (81,14%), África do Sul (7,51%) e Marrocos (2,16%). Do lado das importações, de janeiro a novembro de 2021 o estado importou 58% a menos que o valor de todo o ano de 2020. Países tradicionais como o Uruguai e Paraguai reduziram suas participações nas importações por problemas nas safras, dando espaço à Guiana, por exemplo, que participou com 15,26% do valor total de 2021. Uruguai destinou 48,21% do valor total importado por Santa Catarina e o Paraguai, 11,65%. Em janeiro de 2022, as exportações catarinenses totalizaram US\$73 milhões, valor 53% menor do que o observado no mesmo período de 2021. Contudo, o preço médio de exportações está comparativamente mais atrativo do que o preço doméstico, o que pode resultar em elevação dos volumes exportados caso a elevação dos preços internos não seja consistente.

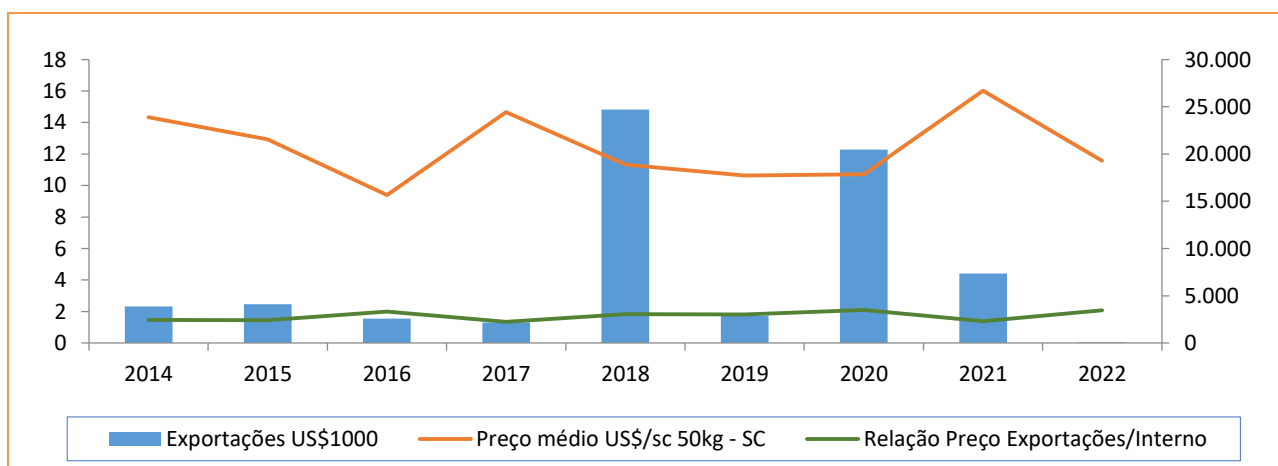


Figura 3. Arroz e derivados – Santa Catarina: exportações anuais – preço médio em US\$/sc 50kg em Santa Catarina e relação preço de exportações e preço doméstico

Nota: Para o ano de 2022 foram apresentadas as exportações de janeiro.
Para obter o preço médio em dólar para a saca em Santa Catarina utilizou-se o preço médio mensal ao produtor e a taxa de câmbio em R\$/US\$ comercial mensal para fazer a conversão.
Fonte: Epagri/Cepa (SC), novembro/2021.

Acompanhamento de safra

A colheita da safra catarinense teve início em janeiro, especialmente em regiões onde o plantio ocorre mais cedo. De maneira geral, as lavouras estão com desenvolvimento dentro da normalidade, com boa sanidade e nenhum relato de problemas severos de pragas e/ou doenças. A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada em torno de 148 mil hectares e espera-se produtividade de 8,3 toneladas por hectare, resultando em produção de 1,22 milhão de toneladas.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa atual Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	493.325	8.383	0,00	-3,78	-3,78
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	62.208	8.743	0,00	2,48	2,48
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.828	183.475	8.405	0,00	-4,31	-4,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.981	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,07
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	76.294	8.064	0,00	1,87	1,87
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.530	9.000	-0,58	-0,58	0,00
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.382	151.132	8.222	0,82	3,35	2,50
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.615	95.831	9.028	-0,75	3,78	4,57
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	924	7.000	0,00	5,26	5,26
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	129.158	7.587	-4,03	-8,20	-4,35
Santa Catarina	148.279	1.248.853	8.422	147.633	1.221.770	8.276	-0,44	-2,17	-1,74

Fonte: Epagri/Cepa (SC), fevereiro/2021.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio pago aos produtores catarinenses de feijão-carioca no mês de janeiro teve alta de 10,61% em relação ao mês anterior, fechando a média mensal em R\$239,59/sc 60kg. Já para o feijão-preto, os preços tiveram variação positiva de 6,48% no último mês, fechando a média de janeiro em R\$253,04/sc 60kg. Com uma primeira safra de feijão menor em todo Brasil, muitos compradores estão atuantes nas regiões produtoras e negociando prazos de pagamento, já que os preços não estão recuando.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jan./22	Dez./21	Variação mensal (%)	Jan./21	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	239,59	216,61	10,61	250,15	-4,22
Paraná		265,87	237,22	12,08	261,50	1,67
Mato Grosso do Sul		279,92	221,71	26,26	255,39	9,60
Bahia		280,00	248,78	12,55	258,57	8,29
São Paulo		291,93	243,94	19,67	272,92	6,97
Goiás		266,43	241,02	10,54	264,64	0,68
Santa Catarina	Feijão-preto	253,04	237,64	6,48	257,95	-1,90
Paraná		274,41	230,40	19,10	273,85	0,20
Rio Grande do Sul		264,25	236,61	11,68	269,72	-2,03

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), fevereiro/2022.

Na primeira quinzena de fevereiro, os movimentos de alta nas cotações do feijão seguem firmes, o preço médio estadual da saca de 60kg do feijão-carioca já está cotado a R\$257,82 e do feijão-preto está em R\$ 274,14. Em termos reais, quando se considera a inflação no período (IGP-DI - base janeiro/22), o preços médio estadual pago ao produtor em janeiro de 2021, está 26% maior do que em janeiro de 2020.

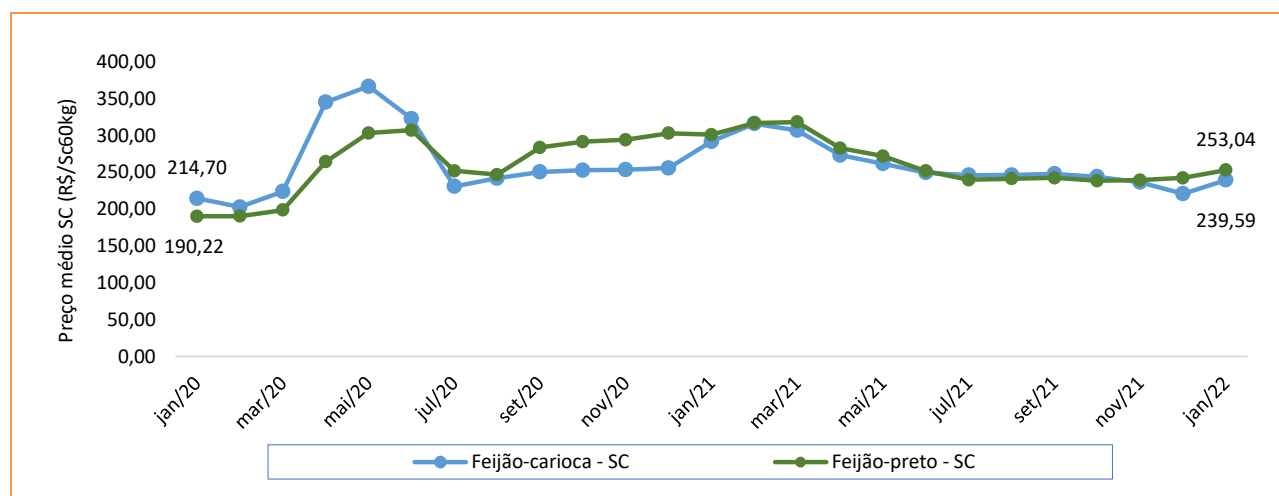


Figura 1. Feijão – Santa Catarina: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (janeiro/2020 a janeiro/2022)

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (base janeiro/2022).

Fonte: Epagri/Cepa (SC), fevereiro/2022

As perdas nas lavouras de feijão 1ª safra nos três estados da Região Sul impactam fortemente o mercado, uma vez que a produção desses estados abastece o mercado nacional até o mês de abril. Em Santa Catarina, já foram computadas perdas irreversíveis que totalizam valores na ordem de 70 milhões de reais. A situação dos produtores de feijão em muitas regiões do estado é preocupante.

Em relação ao balanço de oferta e demanda, segundo a Conab, as importações na temporada 2021/22 deverão chegar a 100 mil toneladas. Quanto às exportações, essas deverão alcançar 200 mil toneladas. Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 136 mil toneladas e o consumo em 2,85 milhões de toneladas, deveremos chegar ao final do período com um estoque de passagem da ordem de 246 mil toneladas.

Tabela 2. Feijão – Brasil: balanço de oferta e demanda (1.000 toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2018/10	287	3.018	150	3.455	3.050	164	241
2019/20	241	3.223	114	3.577	3.150	177	250
2020/21 ⁽¹⁾	250	2.876	81	3.208	2.850	222	136
2021/22 ⁽²⁾	136	3.060	100	3.296	2.850	200	246

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Previsão.

Fonte: Conab, fevereiro/2021.

Safra Catarinense

Nas primeiras semanas de dezembro, que marcam o fim da primavera e o início do verão no hemisfério sul, o clima tem apresentado forte influência das condições de *La Niña*, com o registro de baixas precipitações na Região Sul. Segundo a Conab, observa-se restrição por falta de chuvas nos cultivos de verão na metade oeste do Paraná, no oeste de Santa Catarina e no noroeste e centro do Rio Grande do Sul.

Em Santa Catarina, até a última semana de janeiro, cerca de 65% da área destinada ao plantio da safra 2021/22 de feijão 1ª safra já havia sido colhida. Com uma janela de plantio bastante ampla, que vai de agosto a dezembro, as operações de colheita avançaram rapidamente em janeiro. Para as lavouras que estão à campo, com destaque para as MRG's de Curitibaanos, Campos de Lages e Joaçaba, 40% da área plantada encontrava-se na fase de desenvolvimento vegetativo e 60% alcançou a fase de floração.

A cultura do feijão foi uma das mais atingidas pela estiagem durante os meses de novembro, dezembro e até a primeira quinzena de janeiro. Chuvas mal distribuídas que ocorreram nesse período não amenizaram as perdas, uma vez que a maioria das lavouras de feijão do estado tiveram concentração das fases de floração e enchimento de grão em dezembro. Da mesma forma, a ocorrência de chuvas em janeiro não reverteu as perdas já confirmadas.

As estimativas iniciais para a safra 2020/21 de feijão 1ª safra eram muito boas no mês de agosto de 2021, os bons preços praticados durante todo ano de 2021, assim como a necessidade de promover a rotação de culturas nas áreas de lavouras, motivou os produtores a investir no plantio de feijão. Contudo, a estiagem mais uma vez comprometeu o resultado da safra, frustrando as expectativas dos produtores. Considerando as variações da expectativa de produção ao longo do ciclo de desenvolvimento da cultura, constatamos que as perdas na cultura de feijão 1ª safra poderão chegar a 29%, passando de 75 mil toneladas (11/2021), para 53 mil toneladas (01/2022).

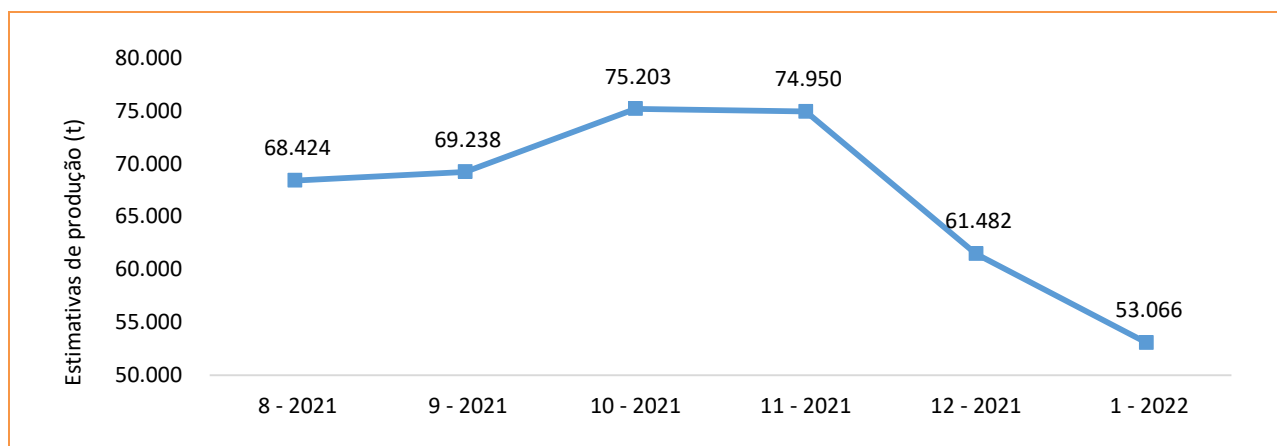


Figura 2. Feijão – Santa Catarina: evolução das estimativas de produção – agosto/2021 a janeiro/2022

Fonte: Epagri/Cepa (SC), fevereiro/2022

Para as MRG's de Curitibanos, Campos de Lages e Joaçaba, localizadas nas regiões mais altas do estado, as chuvas que ocorreram a partir da segunda quinzena de janeiro melhoraram bastante a condição das lavouras. Produtores seguem realizando os tratamentos culturais necessários para a fase de desenvolvimento das lavouras.

Restando colher pouco menos de 25% da área plantada com feijão 1ª, o clima novamente é fator determinante para o resultado da safra. Na comparação da safra atual com a safra anterior, nossas estimativas apontam para uma redução de 8% na produtividade média e de 6% na produção. Vale a pena lembrar que a safra anterior (2020/21), foi igualmente atingida por estiagem prolongada, comprometendo a produção estadual da safra de feijão 1ª.

Tabela 3. Feijão 1ª – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa inicial safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/2021			Estimativa Inicial Safra 2021/2022			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	53	51	962	60	51,71	862	13	1	-10
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	6.980	10.475	1.501	7	-18	-24
Canoinhas	7.450	8.767	1.177	9.720	16.237	1.670	30	85	42
Chapecó	1.772	2.123	1.198	1.763	2.183	1.238	-1	3	3
Concórdia	385	208	540	289	121,864	422	-25	-41	-22
Criciúma	682	793	1.163	668	783,081	1.172	-2	-1	1
Curitibanos	4.310	10.146	2.354	3.710	6.127	1.651	-14	-40	-30
Joaçaba	2.885	5.113	1.772	2.807	4.485	1.598	-3	-12	-10
São Bento do Sul	600	643	1.072	600	995,5	1.659	0	55	55
São M. do Oeste	775	992	1.280	804	1.228	1.527	4	24	19
Tubarão	767	958	1.249	602	752,646	1.250	-22	-21	0
Xanxerê	4.874	10.759	2.207	4.472	6.562	1.467	-8	-39	-34
Outras MRG's	2.054	3.181	1.549	1.436	3.065	2.134	-30	-4	38
Santa Catarina	33.107	56.507	1.707	33.911	53.066	1.565	2	-6	-8

Fonte: Epagri/Cepa (SC), fevereiro/2022.

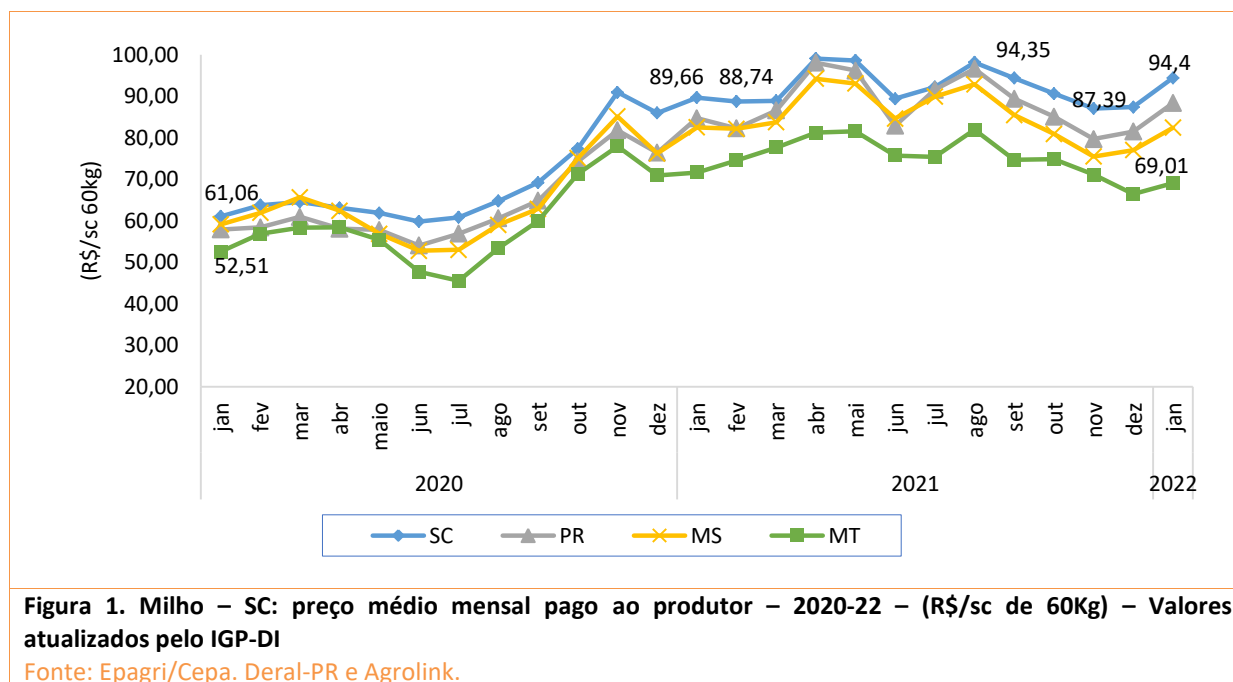
Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Guilherme Xavier de Miranda Junior
Engenheiro-agrônomo, MSc. – Epagri/Ciram
gmiranda@epagri.sc.gov.br

Preços

Em Santa Catarina, o comportamento dos preços ao produtor apresentou variações consistentes desde o ano de 2020. A partir de julho deste ano os preços se elevaram, saindo de R\$60,00/sc para R\$90,00/sc em 2021 e início de 2022. O cenário dos estoques mundiais, a pandemia e as cotações do dólar impactaram o mercado em 2020. Já, a estiagem no sul do Brasil, desde dezembro de 2021, está impulsionando os preços acima de R\$90,00/sc no início de 2022 (Figuras 1).



Variação diária dos preços

Em novembro (2021) os preços estavam oscilando em torno de R\$82,00/sc, no entanto, após a segunda quinzena de dezembro houve forte reação nas cotações alcançando R\$89,00/sc. No início de 2022, com as incertezas da atual safra de verão os preços avançam, com registro de R\$95,00/sc em janeiro e início de fevereiro (Figura 2). A estiagem em curso (dezembro/21 e janeiro/22) em toda região sul do Brasil e Mato Grosso do Sul está provocando a alta do produto, conforme o registro das cotações diárias de preço ao produtor no Estado (Figura 4). Contudo, na primeira quinzena de fevereiro, as cotações dão sinais de estabilização e pequeno recuo dos preços.

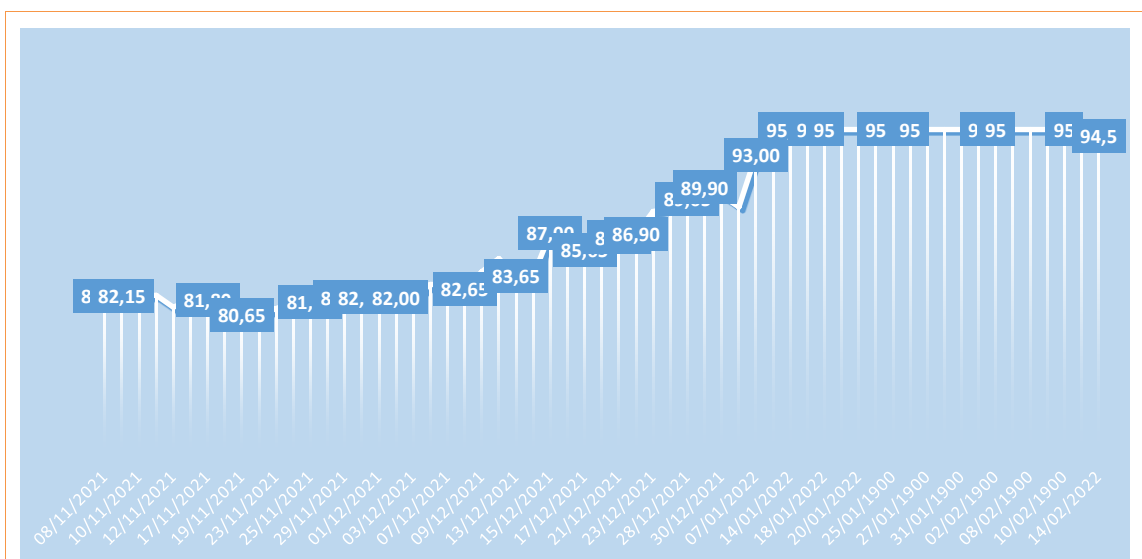


Figura 2. Milho – SC: preço diário pago ao produtor (R\$/sc de 60Kg) – de novembro a fevereiro/2022

Fonte: Epagri/Cepa.

Efeito da estiagem no Estado

Para a 2021/2022 foi estimada uma produção de 2,7 milhões de toneladas (MT) de milho grão na primeira safra com área cultivada no estado se estabilizando em cerca de 330 mil hectares (Infoagro 2022). Observa-se que até novembro a atual safra estava com boa expectativa de produção. O déficit hídrico em dezembro e janeiro/2022 se intensificou em várias regiões. A redução no rendimento das lavouras foi registrada com diferentes intensidades nas regiões, aponta uma redução de 34,5% da produção em relação ao prognóstico inicial, em set/2021 (Figura 3). A redução da produtividade é muito variável, sendo estimada entre 20 a 80% entre e dentro das microrregiões geográficas. Estas estimativas serão atualizadas em março, quando se terá um panorama mais consistente da colheita. Contudo, a redução da produção total do estado já alcança cerca de um milhão de toneladas em relação a estimativa inicial.

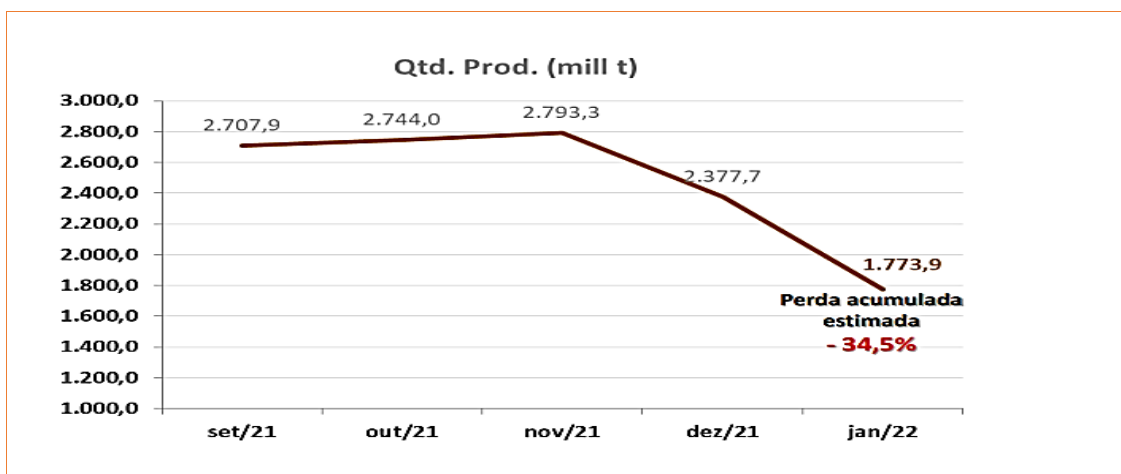
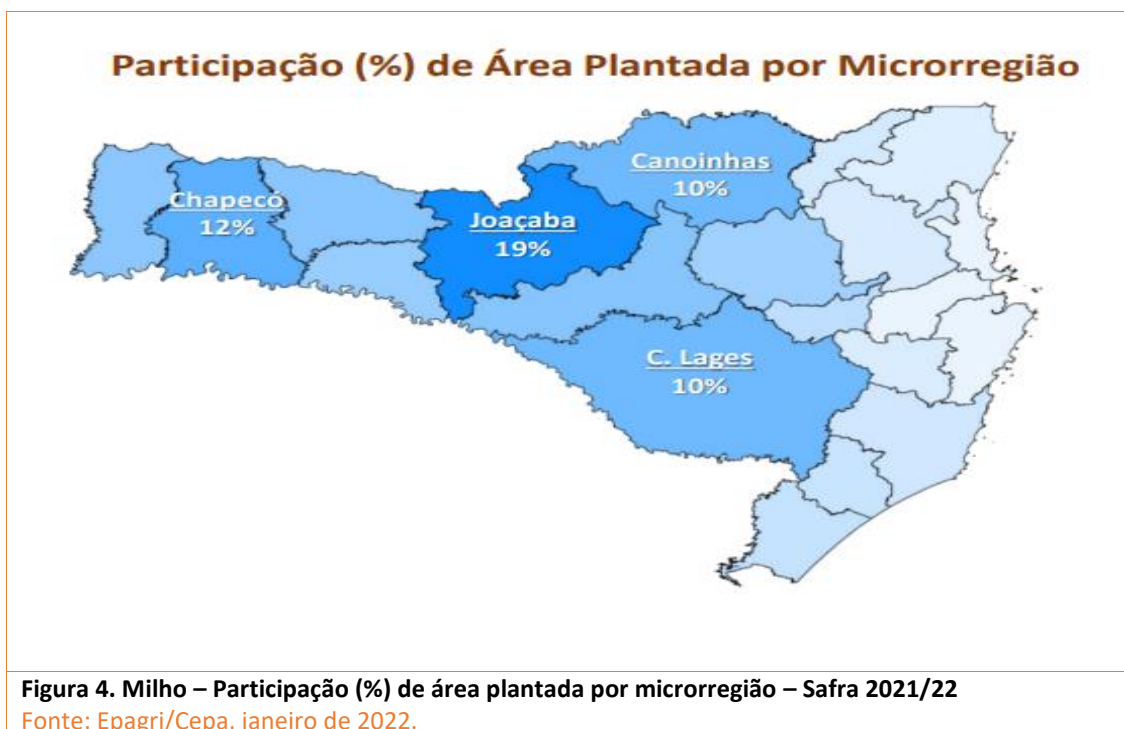


Figura 3. Milho – Relatório preliminar de perdas por estiagem (%) estadual – relativo a estimativa inicial – Safra 2021/22

Fonte: Epagri/Cepa, janeiro de 2022.

A participação percentual do cultivo de milho por microrregião no estado está apresentada na Figura 4. As quatro regiões destacadas no mapa representam mais de 50% da área cultivada no estado.

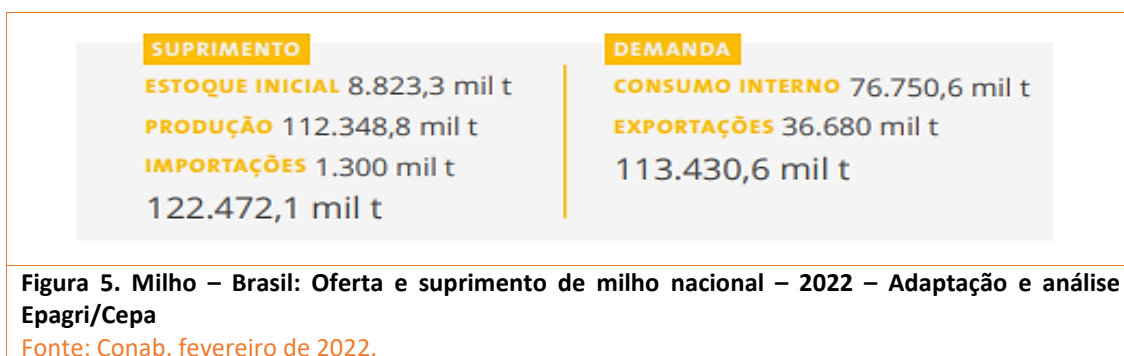


Safra Nacional de milho 2021/22¹.

A CONAB registra no relatório de fevereiro a estimativa 112,34 milhões de toneladas (MT) para a safra 2021/22 (primeira e segunda safras).

Oferta e demanda de milho nacional

O total do suprimento de milho previsto para 2022 pela CONAB está em 122 milhões de toneladas (MT) e demanda de 113 MT (Figura 5), para isto, a produção na segunda safra de 2022 deverá ser de 88 MT. O consumo interno no Brasil está em 6,4 MT por mês. Os estoques iniciais continuam baixos, cerca de 8,8 MT, suficientes para 40 dias do consumo. Considerando a produção da primeira safra de 24 MT, teremos suprimento até maio de 2022, sendo necessário importações já no primeiro semestre. Em dezembro de 2021 e janeiro de 2022, o Brasil exportou 6,3 milhões de toneladas, o que contribuiu com a diminuição da disponibilidade interna do cereal.



¹ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº5 – Quinto levantamento | fevereiro 2022

Produção Mundial²

O relatório do USDA de fevereiro apresenta uma análise dos estoques finais de milho nos principais países exportadores. O comércio global de milho cresceu desde 2014, apoiado pela crescente demanda para produção de rações em todo o mundo (Figura 6). Argentina, Brasil, Ucrânia e Estados Unidos foram os principais fornecedores do cereal, respondendo por 85% exportações globais. Os estoques finais internos nestes países, no entanto, estão sendo diminuídos de forma contínua e atualmente estimados em cerca de um quarto de suas exportações em 2020/21, inferior à média dos últimos anos. Os estoques finais são tendem a crescer para 2021/22, mas ainda deverão ser relativamente baixos com pouco espaço para imprevistos, no caso de déficits de produção global ou aumentos inesperados da demanda de importação. Ou ainda em caso de redução da safra por problemas climáticos. O montante dos estoques finais no período 2016/2017 estava em 80 milhões de toneladas, enquanto em 2020/21 chegou abaixo de 40 milhões de toneladas, redução de cerca de 50% no período. Por outro lado, as exportações cresceram no mesmo período, passando de 120 milhões de toneladas (MT) para próximo de 160 MT em 2020/21.

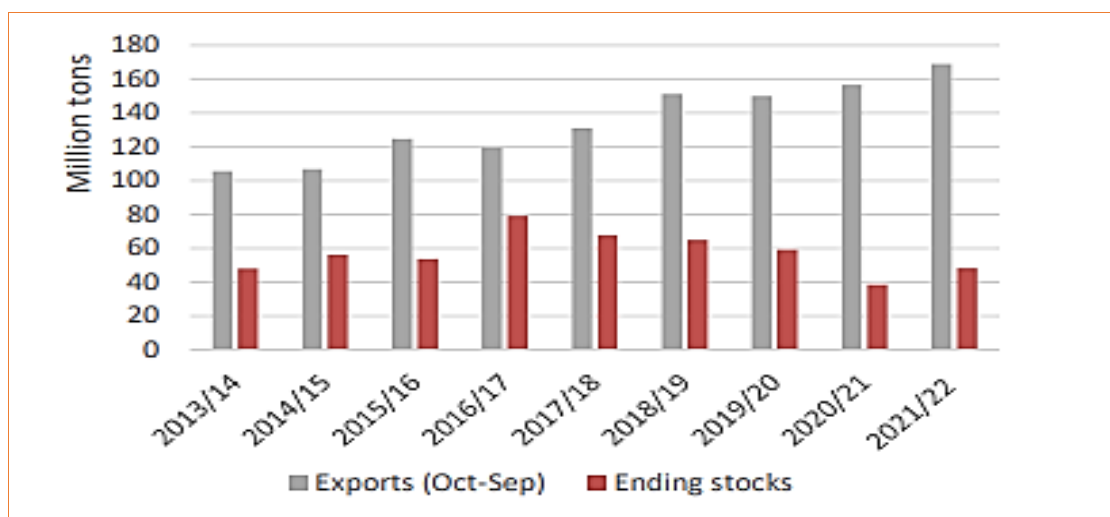


Figura 6. Milho – Panorama mundial – Exportações e estoques finais

Fonte: USDA, fevereiro de 2022.

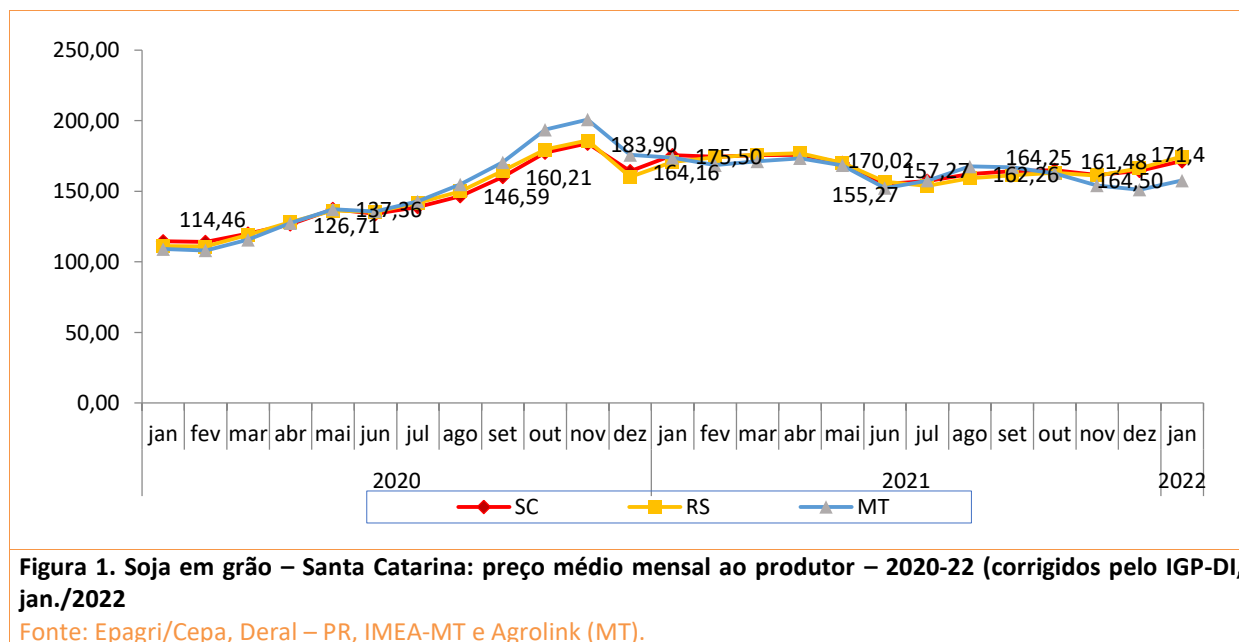
² Foreign Agricultural Service/USDA 15 February 2022 Global Market Analysis

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Os preços da soja no estado em janeiro apresentaram média de R\$171,64/sc, o que representa alta de 4,2% em relação ao mês anterior. No início de fevereiro os valores ficaram acima de R\$190,00/sc. Neste início de 2022, os preços estão sendo influenciados por fatores que apontam para a elevação das cotações. A estiagem no sul do Brasil e Argentina leva a redução das estimativas de produção na América latina, com impacto nas cotações internacionais. O Índice ESALQ/BM&FBovespa Paranaguá subiu 2,85%, para R\$ 189,54 (US\$ 36,58) por saca entre 10 e 15 de fevereiro atingiu R\$ 198,33 (US\$ 37,95)/saca, o maior nível nominal da série do Cepea³, iniciada em março de 2006. No estado também é o maior valor nominal da média mensal registrado pela Epagri/Cepa da série histórica.



Preços diários e tendências do mercado

O cenário atual mostra uma tendência de sustentação dos preços nos mercados externo e interno, influenciado pela relação estoques/consumo global e clima adverso para as lavouras da Região Sul do Brasil e da Argentina⁴. Os preços diários apresentaram desde início de janeiro/2022 uma elevação superior a 10% (Figura 2). Contudo, A partir do dia 10 de fevereiro o câmbio segurou o avanço das cotações. As altas de preços observadas para a soja e seus derivados também estão ligadas à expectativa de maior demanda internacional enquanto a oferta é menor. Além da menor produção em outros países, como Argentina e Paraguai, a produção brasileira de soja deverá ser menor também na safra 2021/22.

³ <https://www.cepea.esalq.usp.br/en/category/brazilian-agribusiness-news.aspx>

⁴ PAS – Panorama Agrícola Semanal. Bolsa de Cereales. In: <https://www.bolsadecereales.com/>

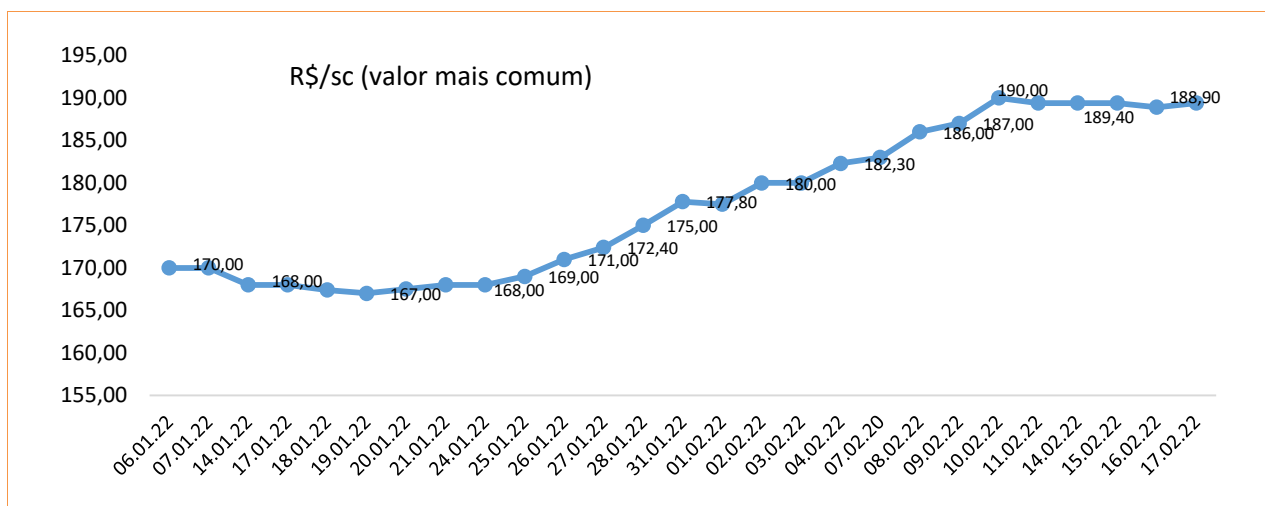


Figura 2. Soja em grão – Preços diários levantados pela Epagri/Cepa – média estadual

Fonte: Epagri /Cepa.

Safra 2021/2022

A estimativa inicial de produção no estado foi de 2,58 milhões de toneladas (set, 2021), em novembro as projeções aumentaram em função das boas condições climáticas até então (Figura 3). Todavia, a baixa precipitação pluviométrica registrada desde dezembro de 2021 no Estado e na região sul do Brasil, tem provocado perdas significativas na produtividade da cultura da soja. Os prejuízos são diferenciados entre as regiões em função do calendário de plantio. A soja de ciclo precoce foi mais afetada, em função do período crítico da estiagem ocorrer na fase de floração (período mais sensível a falta de umidade no solo). As altas temperaturas potencializaram os danos, provocando queima das folhas e encurtamento do ciclo da planta. No final de janeiro houve uma atualização da estimativa da produção para 2,0 milhões de toneladas, uma retração de 22,4%. A estimativa da safra ainda não foi definida ou concluída, mas, considerando que os níveis de precipitação continuam baixos em fevereiro (até dia 18), o rendimento e a produção poderão diminuir ainda mais. Em termos econômicos, até o momento, representa cerca de 1,67 bilhão de reais de redução da renda para os produtores.

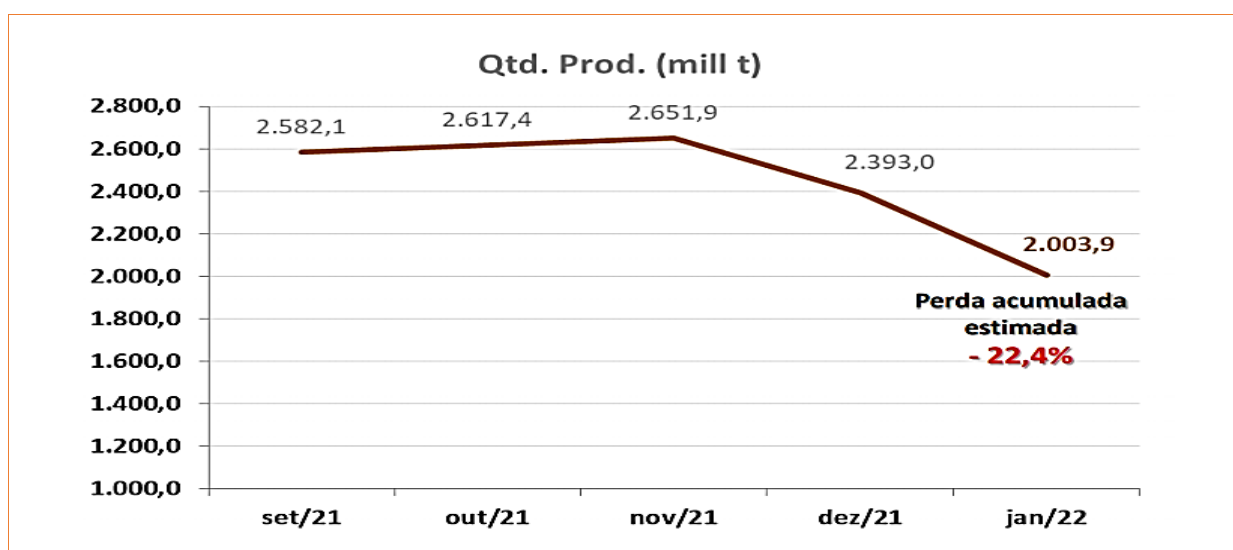


Figura 3. Soja – Santa Catarina: estimativas da produção mensal na safra 2021/22

Fonte: Epagri/Cepa. Sistema de Acompanhamento de safra.

Safra Nacional⁵

A atual safra brasileira de soja deverá ter crescimento na área plantada de 3,5% em comparação à safra anterior, atingindo 40,58 milhões de hectares. Em relação a produção, a Conab fez um corte significativo no relatório de fevereiro em relação a estimativa de janeiro, passando de 140,49 milhões de toneladas para 125,47 MT (Figura 4).



Figura 4. Soja – Brasil: estimativa da área, produção e rendimento da safra 2021/2022

Mercado Internacional

No relatório de fevereiro, o USDA⁶ retrata o encolhimento da produção da soja da América do Sul. (Figura 5). O clima seco nos últimos dois meses (dezembro/2021 e janeiro de 2022) reduziu significativamente a previsão do rendimento e produção soja. A produção de soja foi reduzida em mais de 19 milhões de toneladas em relação a estimativa de dezembro de 2021 com queda de 7% no Brasil, de 9% na Argentina de 37% no Paraguai. Se concretizada, essa queda na safra de soja da América do Sul provavelmente reduzirá o comércio global e manterá os preços internacionais.

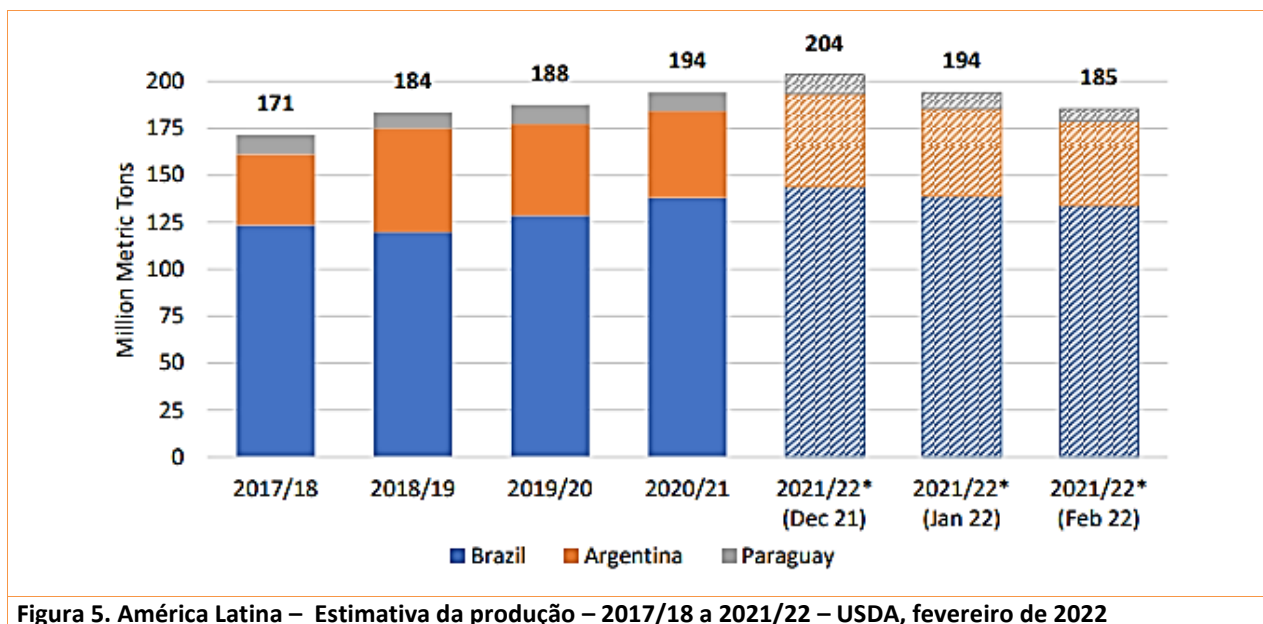


Figura 5. América Latina – Estimativa da produção – 2017/18 a 2021/22 – USDA, fevereiro de 2022

⁵ conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.9 – safra 2021/22, nº5 – Quinto levantamento | fevereiro 2022

⁶ Oilseeds: World Markets and Trade. In: Foreign Agricultural Service/USDA 2 February 2022 Global Market Analysis.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de janeiro de 2022, as cotações de trigo tiveram movimento de alta no mercado catarinense. Com dados levantados pela Epagri/Cepa em todas as regiões produtoras do estado, foi registrado um aumento de 2,71% em relação a dezembro de 2021, fechando o mês em R\$ 89,05/saca 60 kg. Na comparação anual, observamos que em termos nominais, os preços praticados em janeiro de 2022 estão 21,84% acima daqueles registrados em janeiro de 2021. O comportamento altista dos preços da saca de trigo também foi observado nos demais mercados acompanhados.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/saca de 60kg

Estado	Jan./22	Dez./21	Varição mensal (%)	Jan./21	Varição anual (%)
Santa Catarina	89,05	86,70	2,71	73,09	21,84
Paraná	89,13	88,17	1,09	71,64	24,41
Mato Grosso do Sul	88,00	87,09	1,04	70,62	24,61
Goiás	103,50	103,43	0,07	81,00	27,78
Rio Grande do Sul	84,60	82,77	2,21	73,19	15,59

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Conab (MS,GO e RS), fevereiro/2022.

Segundo os dados consolidados da safra 2021/22 da Conab, o quadro de oferta e demanda apresenta o seguinte cenário: a produção nacional de trigo cresceu 23% em relação à safra anterior, alcançando 7.679,4 mil toneladas, que foram cultivadas numa área plantada de aproximadamente 2.739,3 mil hectares, apresentando um aumento de 17%. Contribuiu também para o aumento da produção, o crescimento na produtividade média, que chegou a 2.803 kg/ha, alta de 5,3%.

As exportações tiveram um incremento considerável, passando de 823 mil toneladas para 1,9 milhão de toneladas. Já as importações, das quais somos muito dependentes, também aumentaram, passando de 6,0 milhões de toneladas para 6,8 milhões de toneladas. Com isso, estima-se que a safra 2021/22 encerre com estoque de passagem de 177 mil toneladas.

Tabela 2. Trigo Grão – BR: quadro de oferta e demanda (1.000 toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2018	2.037	5.428	6.753	14.218	12.436	583	1.199
2019	1.199	5.155	6.677	13.030	12.461	342	227
2020	627	6.235	6.007	12.869	11.899	823	147
2021 ⁽¹⁾	147	7.679	6.800	14.626	12.550	1.900	177
2022 ⁽¹⁾	177	7.879	6.500	14.556	12.750	1.000	806

⁽¹⁾ Estimativa.

⁽²⁾ Previsão.

Fonte: Conab, fevereiro/2022.

As primeiras projeções da Conab sobre a intenção de plantio para a safra 2022/23 de trigo já foram anunciadas. A companhia estima que sejam cultivados 2,8 milhões de hectares de trigo no Brasil, com uma recuperação de produtividade de 8%, totalizando 2.876 kg/ha. Com esses números, a expectativa é que sejam colhidas aproximadamente 7.879,2 mil toneladas do grão.

Previsão Climática

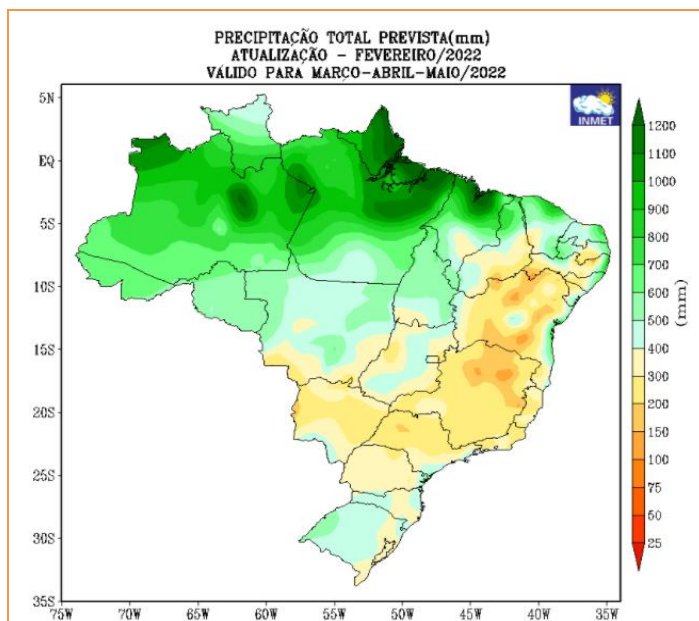


Figura 1. Clima Brasil – Previsão de precipitação MAR/ABR/MAI de 2022

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), fevereiro/2022.

Para quem está planejando o plantio de trigo a partir de maio/junho de 2022, é fundamental estar atento às previsões climáticas. Para a Região Sul, segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), o prognóstico climático aponta para chuvas próximas e abaixo da média climatológica em praticamente toda a região no trimestre (Mar.-Abr.-Mai/2022).

Nos meses de fevereiro e março, são previstos baixos níveis de armazenamento de água no solo, principalmente no extremo sul do Rio Grande do Sul. Baixos volumes de chuva previstos poderão reduzir os níveis de umidade no solo nas demais áreas da região, principalmente oeste dos estados do Paraná e Santa Catarina. Em abril, o modelo prevê um ligeiro aumento do armazenamento de água no solo em praticamente toda a região.

Safra Catarinense

Para a próxima safra catarinense de trigo, que começará a ser plantada a partir de maio de 2022, alguns fatores podem nos auxiliar a fundamentar a expectativa de aumento na área de plantio de trigo para a safra 2022/23. Um fator importante é que o Banco Central vem anunciando que o dólar deverá continuar em alta durante o ano de 2022, fator que inibe a aquisição de trigo importado e favorece o mercado interno.

O fator a ser considerado é que o plantio de trigo otimiza utilização dos componentes do custo de produção, como máquinas e mão de obra, além de promover melhorias nas condições de solo para o plantio direto de culturas de verão (formação de palhada), assim como promove uma maior intensificação na utilização das áreas de cultivo (inverno e verão).

Tabela 2. Trigo grão – Comparativo entre a safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produt.
Campos de Lages	634	1.285	2.027	3.465	14.313	4.131	447	1014	104
Canoinhas	13.300	46.780	3.517	22.700	73.910	3.256	71	58	-7
Chapecó	13.493	35.785	2.652	24.420	74.944	3.069	81	109	16
Concórdia	1.121	3.355	2.993	1.810	6.540	3.613	61	95	21
Curitibanos	9.040	29.212	3.231	14.320	63.892	4.462	58	119	38
Ituporanga	781	2.032	2.601	1.940	4.488	2.313	148	121	-11
Joaçaba	3.987	9.779	2.453	6.116	22.675	3.708	53	132	51
Rio do Sul	250	605	2.420	1.060	2.430	2.292	324	302	-5
São Bento do Sul	700	2.310	3.300	1.150	3.710	3.226	64	61	-2
São M. do Oeste	4.595	11.870	2.583	8.260	24.859	3.010	80	109	17
Xanxerê	10.531	29.065	2.760	17.450	56.300	3.226	66	94	17
Santa Catarina	58.432	172.079	2.945	102.691	348.060	3.389	76	102	15

Fonte: Epagri/Cepa, fevereiro/2022.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

A produção de alho no Brasil vive uma conjuntura de expectativas bastante positivas para os próximos anos. É muito presente na cadeia produtiva o entendimento que o país deve passar de importador para autossuficiente na produção de alho. Nesse sentido, desde o início da pandemia, de março de 2020 para cá, a cadeia produtiva da hortaliça tem surpreendido o mercado com a ampliação significativa do abastecimento com produção nacional.

Corroborando com esses avanços, o Brasil no ano de 2021, contou com a expansão da área plantada com a cultura de alho e expressivos ganhos em produtividade. Embora ainda não haja dados oficiais, segundo as informações de associações estaduais de produtores de alho e da Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa), o ano fechou com significativa expansão na produção da hortaliça no país. Nesse sentido, há indicativos do setor produtivo que foram plantados mais de 16 mil hectares no país. Isso significa um crescimento acima de 30% na área plantada em relação à safra 2020. Os estados que puxaram esse avanço foram, principalmente Minas Gerais e Goiás, tanto na ampliação da área plantada quanto no aumento da produtividade. Outro aspecto importante que está caracterizando a produção de alho no Brasil é a alta qualidade dos alhos produzidos que gradativamente se consolida na preferência dos consumidores.

Por outro lado, as especificidades da produção e a conjuntura do mercado da produção de alho em Santa Catarina, necessita de algumas reflexões, estudos e projeto de desenvolvimento da cultura via políticas públicas e parceria com os produtores e suas organizações. Diferentemente das regiões do centro do país, a cultura do alho no estado é produzida em pequenas propriedades por agricultores familiares. Segundo o IBGE (2017) são mais de 3.600 estabelecimentos com produção comercial de alho, cuja área média é pouco mais de 0,5 hectares, num estado que, não raramente é afetado por problemas climáticos dos mais diversos.

Esforços no sentido de amparar um projeto de apoio à produção contribuirão para maior segurança econômica dos produtores, mantendo uma produção competitiva da hortaliça no estado, visto que o aumento da produção em grande escala que ocorre nos estados do centro do país, como Minas Gerais e Goiás pode afetar o desempenho da cultura em Santa Catarina.

Preço

A safra catarinense de alho se encontra na fase de comercialização desde o final de dezembro e tradicionalmente se estende até os meses de maio/junho. O ritmo da comercialização pode ser considerado normal, com variações conjunturais provocadas pela maior ou menor oferta do produto pelo estado do Rio Grande do Sul, qualidade da hortaliça e demanda do mercado.

Em termos de preço ao produtor, de acordo com o sistema de acompanhamento de preços da Epagri/Cepa, em janeiro os produtores catarinenses receberam R\$4,50/kg para as classes 2 e 3, R\$10,00/kg para as classes 4 e 5 e, R\$12,00/kg para as classes 6 e 7. No início do mês de fevereiro, a procura pelo produto catarinense teve retração e por consequência o preço do alho classe 2 e 3 baixou para R\$4,00/kg. No final da quinzena, houve retomada pelo produto, principalmente para as classes acima de 4, porém sem refletir em melhoria no preço.

No mercado atacadista da CEAGESP, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira quinzena de janeiro a R\$13,24/kg, redução de 9,62% em relação ao início do mês de dezembro. No mesmo período, o alho classe 6 passou de R\$15,56/kg para R\$14,97/kg, redução de 3,94%. A partir da segunda quinzena, houve pequena reação nos preços, fechando o mês com preços de R\$14,00/kg, R\$15,35/kg e R\$17,01/kg para os alhos classes 5, 6 e 7, respectivamente.

No mês de janeiro o alho argentino também apresentou redução em relação aos preços praticados em dezembro, fechando o mês a R\$11,60/kg e R\$12,60/kg para os alhos classes 5 e 6, respectivamente.

O mês de fevereiro iniciou com os preços de atacado com pequena recuperação em relação aos preços praticados no final de janeiro. O alho roxo nacional classe 5 foi comercializado no final da primeira semana do mês a R\$14,28/kg, aumento de 2%, o alho classe 6 passou a R\$16,05/kg significando aumento de 4,56% e o alho classe 7 foi comercializado a R\$17,52/kg, aumento de 2,99%.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, o alho nobre nacional, classes 4 e 5 apresentaram preços estáveis durante todo o mês, sendo comercializados a R\$14,00/kg. Seguindo a mesma lógica, o alho classes 6 e 7, se manteve a R\$16,00/kg durante todo o mês. O alho importado, classes 4 e 5, também permaneceu com preço estável e foi comercializado a R\$15,00/kg.

Produção

A colheita da safra catarinense já foi concluída e está sendo comercializada. As condições climáticas para a safra foram favoráveis ao desenvolvimento da cultura, com chuvas bem distribuídas e temperaturas adequadas à cultura de modo geral em todo o ciclo. Desta forma, a produção das lavouras é considerada de boa qualidade tanto no tamanho dos bulbos quanto em sanidade, o que permite armazenamento por períodos maiores.

Nos próximos meses serão fechados os dados de produção de alho da safra 21/22 para Santa Catarina. Segundo as estimativas do acompanhamento sistemático do projeto Safras da Epagri/Cepa, a área plantada em Santa Catarina será de 1.808 hectares. A expectativa de produção da hortaliça no estado é de 19.109 toneladas, com um rendimento médio de 10.569 kg/ha. Esses números apontam para uma recuperação da produção de alho, em relação à safra passada, em Santa Catarina na ordem de 30,9% na produção e 22,13% na produtividade. Basicamente o aumento da produção se deu pelas boas condições climáticas para a cultura e por pequeno aumento na área plantada.

Comércio exterior

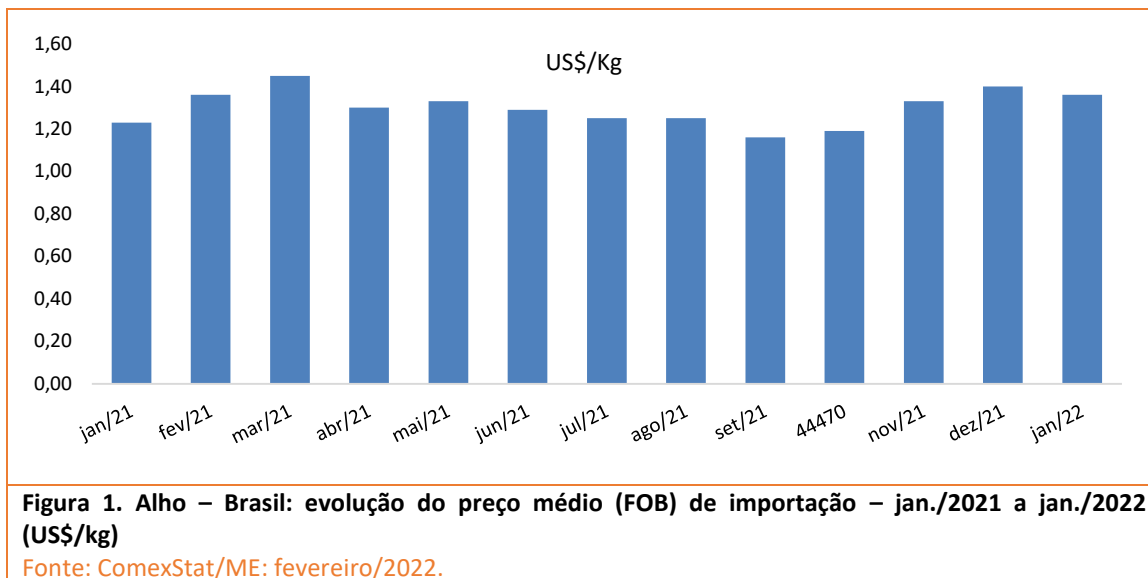
Em janeiro de 2022 foram importadas apenas 9,2 mil toneladas de alho, o menor volume para o mês desde 2018. Nesse sentido, o ano inicia mantendo a tendência de redução da entrada de alho no país. Como pode ser visto na Tabela 1, em 2021 o Brasil importou o menor volume, fechando o ano com a importação de 125,70 mil toneladas. Este volume é o menor dos últimos quinze anos. Em relação a 2020, a redução foi de 35,04%, o que também favoreceu a produção nacional da hortaliça (Tabela 1).

Tabela 1. Alho – Brasil: importações de janeiro/2018 a janeiro/2022 (mil t)

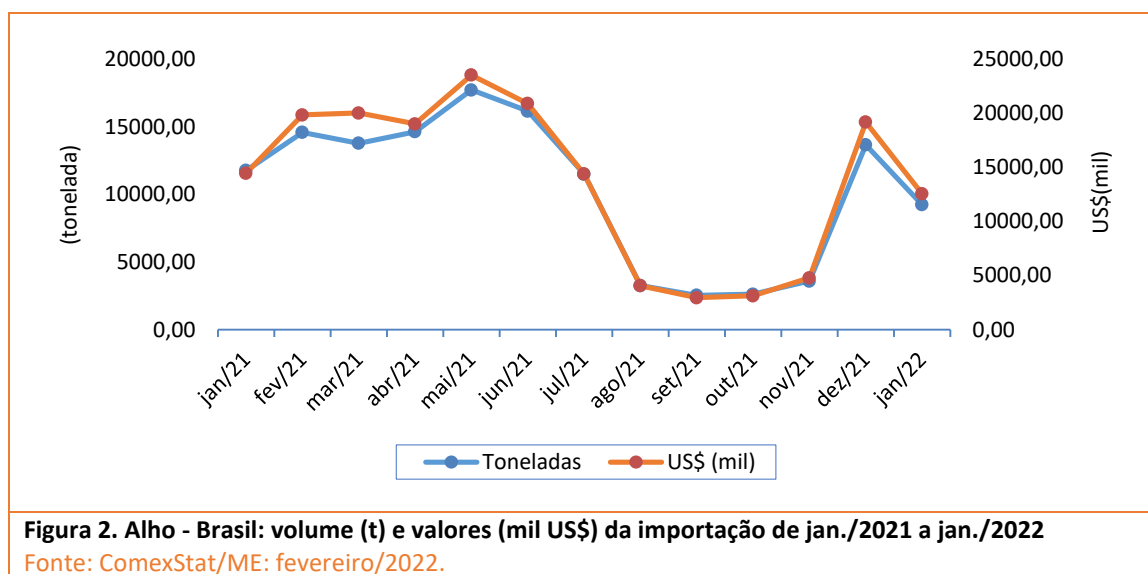
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,51
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,70
2022	9,20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9,20

Fonte: Comexstat/ME: fevereiro/2022.

Com relação ao preço médio (FOB) do alho importado, em janeiro verificou-se pequena redução de preço em relação ao mês de dezembro, passando de US\$1,40/kg, para US\$1,36/kg, ou seja, redução de 2,94%, conforme exposto na figura 1.



Na Figura 2 apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal pelo Brasil, no período de janeiro de 2021 a janeiro de 2022. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de janeiro/22 foi de US\$12,53 milhões (FOB), redução de 34,63% em relação a dezembro/21. O volume importado foi de 9,22 mil toneladas, redução de 32,45% em relação ao mês de dezembro 2021.



No mês de janeiro os fornecedores de alho para o Brasil foram a Argentina com 8,38 mil toneladas, perfazendo 90,90% da importação no mês, a China com apenas 600 toneladas representando 6,50% do total e Chile e Peru com 216 toneladas, representando 2,60% da importação no mês (Figura 3).

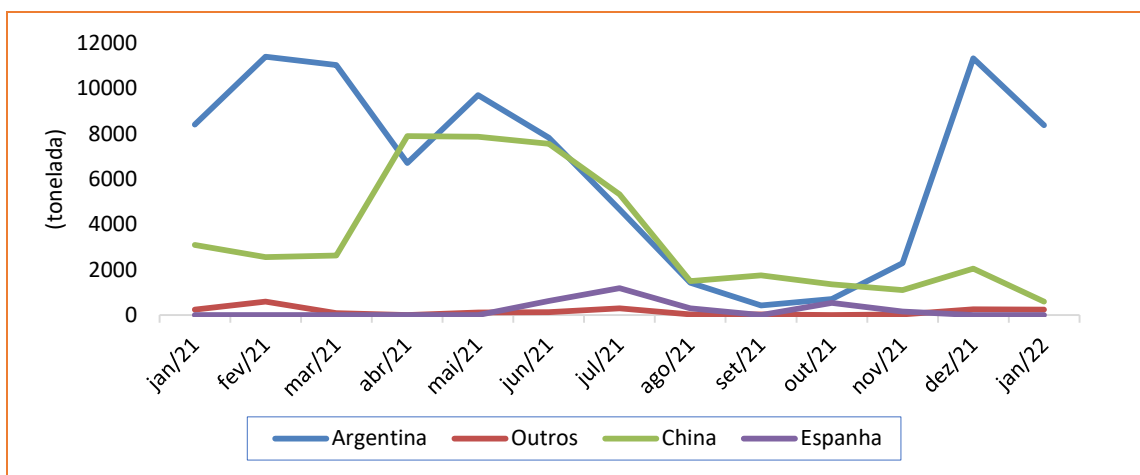


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan./2021 a jan./2022 (t)
Fonte: Comexstat/ME, fevereiro/2022.

Considerando que a cultura do alho em Santa Catarina é uma cadeia produtiva de importância socioeconômica em função de seu papel na geração de trabalho e renda para milhares de agricultores familiares e na dinamização das economias locais de pequenos municípios, fazemos eco às demandas da cadeia produtiva manifestadas na câmara técnica da cultura do alho do CDRural, em reunião no dia 15/12/2021, que construiu pauta de demandas e ações para as políticas públicas em apoio a produção da hortaliça em Santa Catarina, como:

- Maior rigor do estado na fiscalização da entrada do produto importado nas fronteiras de acordo com as normas do Mercosul;
- Maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do Alho Roxo do Planalto Catarinense;
- Melhorias e manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho;
- Apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR) como apoio à pesquisa sobre a cultura, financiamentos para a produção e aquisição de sementes de qualidade superior e livre de vírus;
- Estruturar programa de apoio à infraestrutura de produção das propriedades produtoras, especialmente na armazenagem de água para a irrigação.

Para manter a competitividade da cadeia produtiva do alho no estado, a pauta apresentada pela câmara técnica do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, é sem dúvida o patamar mínimo para manter a perspectiva de continuidade da produção de alho no estado mantendo relativa importância da produção catarinense no cenário nacional.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A safra catarinense de cebola 2020/21 está sendo comercializada normalmente e a expectativa é que se estenda até o mês de maio. A boa qualidade dos bulbos produzidos está contribuindo para que o produto possa permanecer armazenado por períodos maiores, permitindo aos produtores escoamento da safra com mais tranquilidade.

Como é de conhecimento, apesar de alguns eventos que ocorreram durante o desenvolvimento da cultura, como falta ou excesso de chuvas em alguns períodos, o ciclo da hortaliça foi finalizado em condições climáticas muito favoráveis, especialmente a partir da segunda quinzena de novembro.

Preços e Mercado

Em janeiro a comercialização da safra de cebola catarinense se manteve em ritmo normal considerando que a Região Sul foi a principal fornecedora do produto. Nesse sentido, a maior oferta e necessidade de comercialização da cebola gaúcha, por limitações na estrutura de armazenagem, contribuíram para o abastecimento do mercado com menor participação do produto catarinense.

Apesar disso, os produtores catarinenses estão gozando boas condições para dar sequência à comercialização da safra. Como já registrado acima, a boa qualidade do produto combinada com uma oferta geral da produção nacional bastante equilibrada com a demanda, está permitindo ao produtor catarinense condições de ofertar seu produto escalonadamente e com preços acima do custo médio de produção. Com a finalização da comercialização da safra gaúcha, que se aproxima, a expectativa é de que haja alguma melhora nos preços ao produtor em função de que Santa Catarina passará a ser o único fornecedor da hortaliça para o mercado nacional.

Com relação aos preços pagos ao produtor catarinense, durante o mês de janeiro o preço ficou entre R\$1,90/kg e R\$2,00/kg nas praças de Caçador, Canoinhas e Rio do Sul.

Na Ceagesp/SP, na primeira semana de janeiro, o preço da cebola média foi de R\$2,71/kg, aumento de 26,04% em relação aos preços praticados no início de dezembro, que foi de R\$2,15/kg. O mês fechou com preço de R\$2,81/kg, aumento de 3,69% no mês.

O mês de fevereiro iniciou com cotações se mantendo no patamar de R\$2,80/kg, atingindo a R\$2,85/kg no dia 11, para a cebola média.

Na Ceasa/SC (Unidade de São José), o mês de janeiro iniciou com preço de atacado para a cebola nacional a R\$2,25/kg, aumento de 1,25% em relação ao início do mês de dezembro, preço que se manteve até o final do mês. Nas primeiras semanas de fevereiro, o produto teve novo aumento passando para R\$2,40/kg no dia 15/02/22. A cebola importada se manteve durante todo o mês de janeiro e início de fevereiro a R\$2,25/kg.

Safra Catarinense

Conforme dados do acompanhamento de campo do projeto safras da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 2021/22, teve sua colheita finalizada e o processo de comercialização está em andamento. Pela boa qualidade dos bulbos e a capacidade de armazenagem instalada nas propriedades em geral, a expectativa é de que a comercialização seja finalizada até o mês de maio sem prejuízo da qualidade do produto.

Em relação à estimativa de produção da safra catarinense, de acordo com o acompanhamento de safra da Epagri/Cepa, foram plantados no estado 17.458ha, com produção estimada de aproximadamente 500 mil toneladas. Conforme o cronograma do projeto safras da Epagri/Cepa, no próximo mês serão fechados os números totais da safra 2021/22 em Santa Catarina. É possível que o estado supere a produção das 500 mil toneladas estimadas durante o ciclo de desenvolvimento da cultura.

Importação

De acordo com os dados do SISCOMEX/ME, o Brasil vem diminuindo o volume de importação de cebola nos últimos anos. A redução tem sido favorecida pelas condições proporcionadas pela pandemia, que dentre outras questões, encareceram o frete marítimo e pela relação cambial do dólar elevado em relação ao real, favorecendo o produto nacional. Em 2021, o país importou 116,96 mil toneladas de cebola, volume 40,85% menor que no ano de 2020. A ano de 2022 iniciou com importações dentro das expectativas e semelhante aos anos anteriores, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2019 a janeiro de 2022 (t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.756
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1011	116.961
2022	668	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	668

Fonte: ComexStat/ME, fevereiro/2022.

Embora tenha ocorrido redução nas importações de cebola pelo Brasil, o país é um mercado importante para a produção de alguns países, notadamente para a Argentina, Chile, Espanha e Países Baixos, como pode ser visto na tabela 2. Nela apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2021 e janeiro de 2022, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB).

Das pouco mais de 116 mil toneladas importadas em 2021, os vizinhos argentinos participaram com 98,65 mil toneladas, ou seja, 84,34% do volume total. Em seguida vem os Países Baixos com 8,76 mil toneladas, 7,49% do total e o Chile com 7,15 mil toneladas significando 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% do total importado.

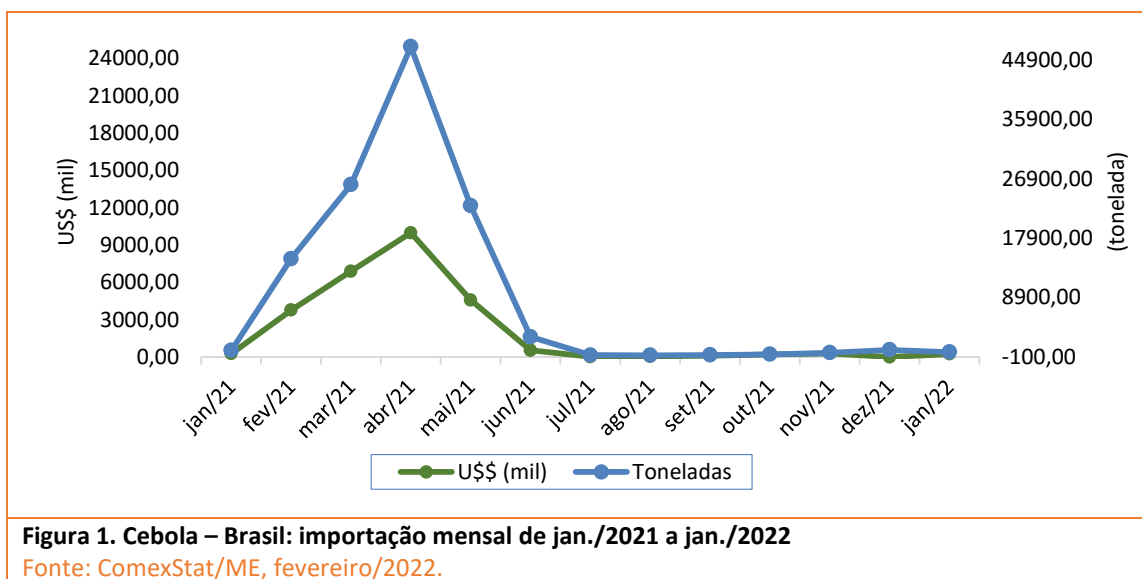
Em 2021, o preço médio FOB foi de US\$0,23/kg. O Desembolso total com a importação de cebola pelo país foi de aproximadamente (FOB) US\$27,25 milhões. No mês de janeiro de 2022, o preço médio passou para US\$0,37/kg. A elevação de preço se deve, dentre outras questões, ao custo do transporte, logística e aos tipos especiais da cebola importada (Tabela 2).

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2021 e 2022 (janeiro)

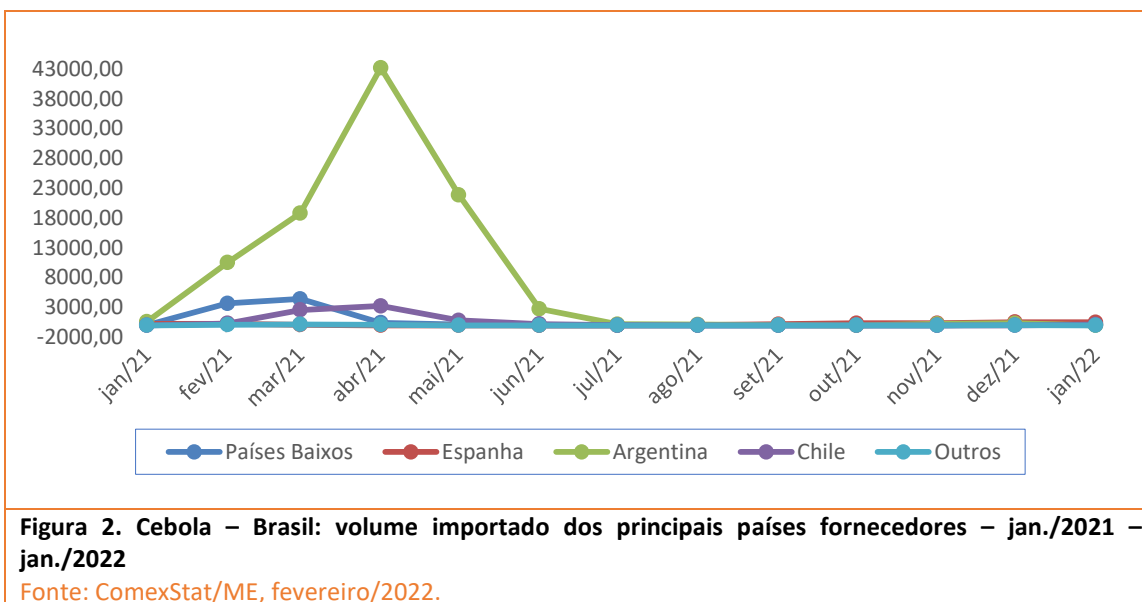
Países	2021		2022	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650	0,00	0,0
Chile	2.888,34	7.155	50,37	130
Países Baixos	3.161,48	8.767	14,35	29
Espanha	409,52	2.008	186,60	509
Nova Zelândia	58,3	104	0,00	0,0
Uruguai	84,93	253	0,00	0,0
Peru	10,00	24	0,00	0,0
Total	27.247.90	116.961	251,33	668

Fonte: ComexStat/ME, fevereiro/2022.

Em janeiro foram importadas 668 toneladas de cebola, redução de 33,86% em relação ao mês de dezembro, quando foram importadas 1.010 toneladas. O desembolso do país no mês foi de US\$251,33 mil, como pode ser visto no gráfico de comportamento das importações de cebola (Figura 1).



No mês de janeiro, os países fornecedores da hortaliça para o Brasil foram a Espanha com 509 toneladas, 76,19% do volume total, o Chile com 130 toneladas, significando 19,46% e os Países Baixos com 29 toneladas. Na figura 2, apresentamos o comportamento das importações de cebola pelo Brasil no ano de 2021 e janeiro de 2022. Percebe-se que no ano passado, desde junho, houve redução drástica das importações, reflexo de diversos fatores conjunturais patrocinados pela pandemia e a relação cambial, principalmente (Figura 2).



De acordo com as informações do acompanhamento sistemático das safras, realizado pela Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola está toda colhida e em via de comercialização. Estima-se que até o momento em torno de 50% da produção já tenha sido comercializada. Embora a margem de rentabilidade seja menor do que a safra 2020/21, os produtores catarinenses, de forma geral, estão comercializando a safra a preços acima do custo médio de produção.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de fevereiro, os preços do frango vivo apresentam movimentos distintos, de acordo com o estado. No Paraná os preços mantiveram-se inalterados em relação ao mês anterior, enquanto Santa Catarina registrou alta de 2,1%. Quando se comparam os valores atuais com aqueles praticados em fevereiro de 2021, as variações são de 7,2% no Paraná e 27,6% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,4%, segundo o IPCA/IBGE.

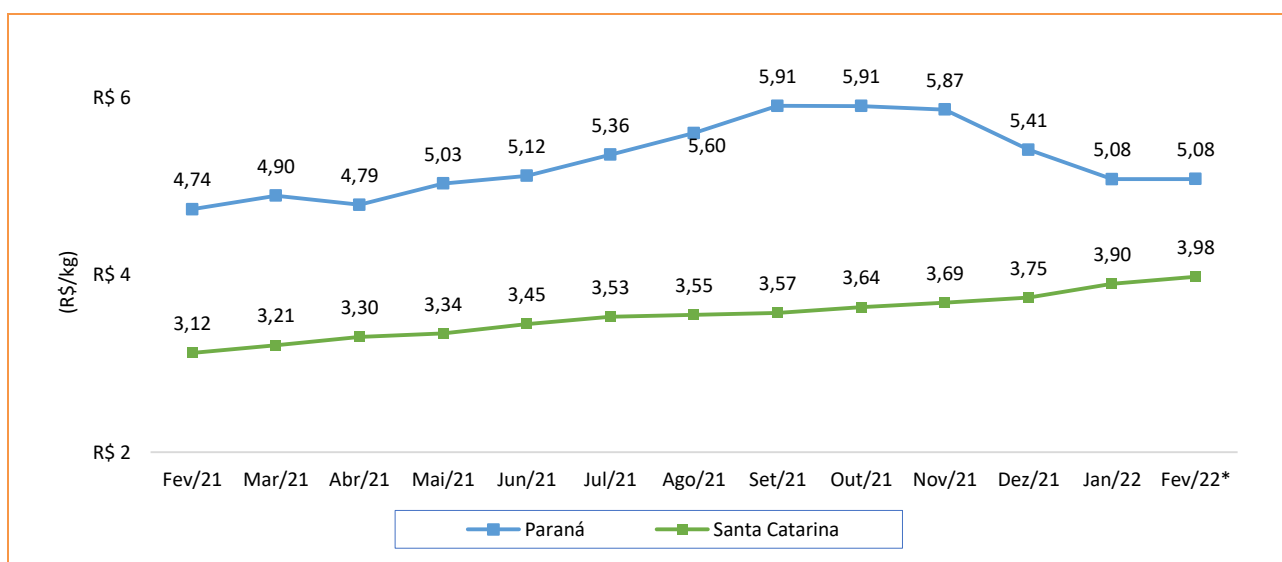


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina, Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); SEAB (PR); IEA (SP).

Em Santa Catarina, registraram-se altas em todas as praças na comparação entre as três primeiras semanas de fevereiro e a média do mês anterior: 0,6% em Chapecó, 1,4% no Sul Catarinense e 5,5% em Joaçaba, com média de 2,1%. Na comparação com fevereiro de 2021, as altas são ainda mais expressivas: 38,5% no Sul Catarinense, 29,5% em Chapecó e 12,7% em Joaçaba.

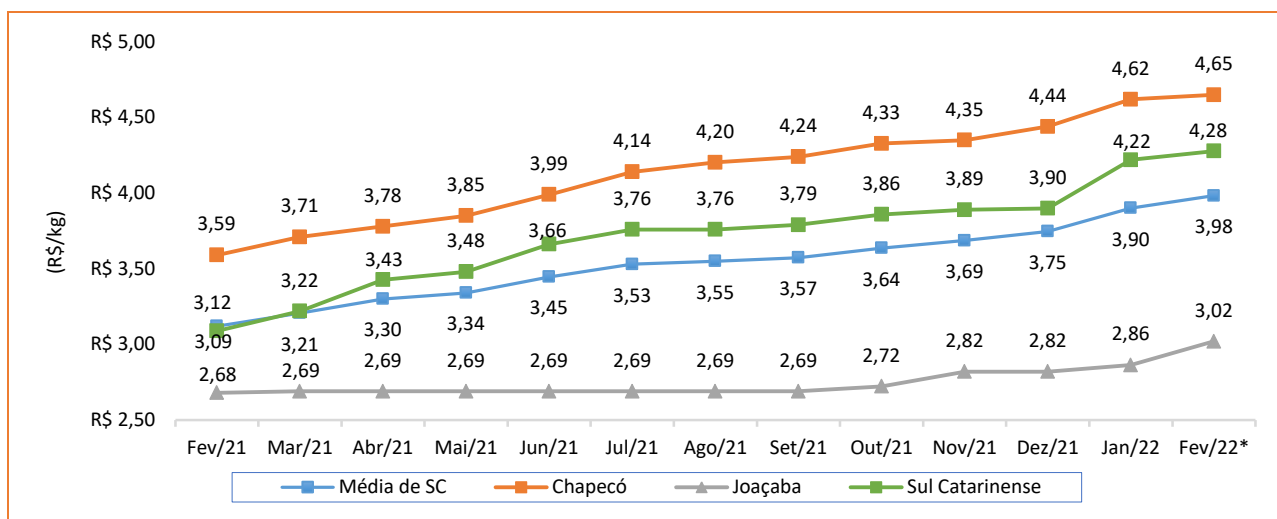


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de fevereiro, os preços da carne de frango no mercado atacadista apresentaram movimento distintos, de acordo com o corte. O peito com osso e o filé de peito registram altas de 3,0% e 2,0%, respectivamente, enquanto no caso do frango inteiro e da coxa/sobrecoxa verificou-se quedas de 3,6% e 2,2%, respectivamente. A variação média foi de -0,2%. Vale destacar que, em janeiro, a carne de frango também registrou variação negativa, que atingiu -8,9% naquela oportunidade.

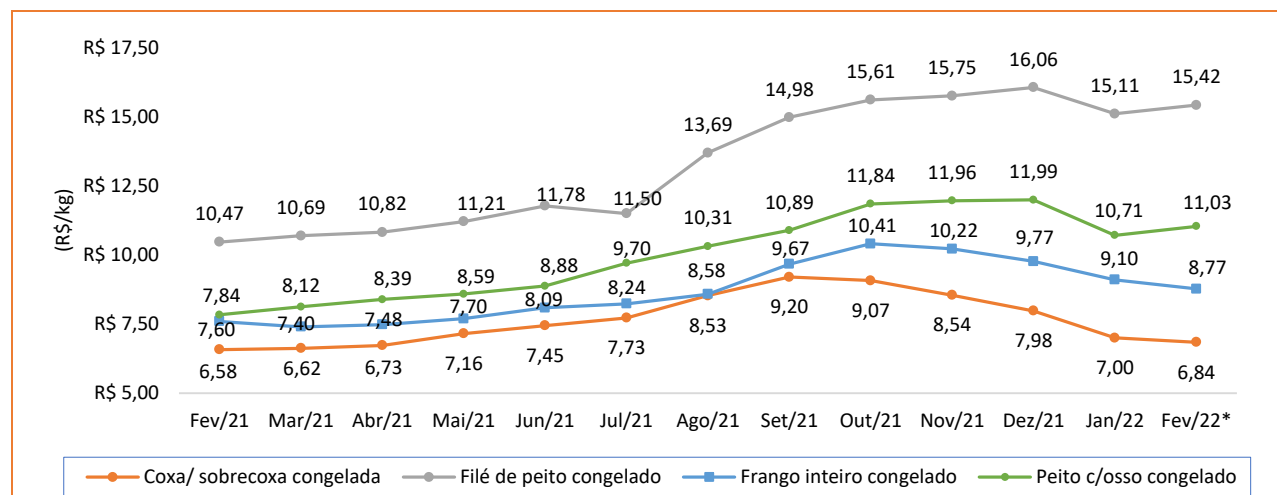


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

De acordo com nota divulgada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), os estoques ainda elevados da carne e a liquidez abaixo do esperado pressionam os preços da carne de frango no varejo e atacado. Ainda segundo o Cepea, a baixa liquidez da carne motivou também recuos nos preços do frango vivo em alguns estados.

Na comparação entre os preços preliminares de fevereiro com o mesmo mês de 2021, verifica-se que todos os cortes apresentaram variações positivas, não obstante as quedas registradas nos últimos meses: filé de peito (47,3%), peito com osso (40,8%), frango inteiro (15,5%) e coxa/sobrecoxa (4,0%). A variação média no período foi de 26,9%.

Custos

Em janeiro, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou alta de 5,6% em relação ao mês anterior. A alta acumulada nos últimos 12 meses é de 20,4%, decorrente essencialmente do aumento nos gastos com nutrição e pintos de 1 dia.

A forte estiagem que atinge a região Sul e parte do Mato Grosso do Sul deve provocar redução na colheita de milho da 1ª safra, impactando nos preços do produto e, conseqüentemente, no custo de produção do frango. Há perspectiva de que esse cenário sofra alguma alteração somente a partir de meados deste ano, após a colheita da 2ª safra.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou alta de 3,1% nas primeiras semanas de fevereiro, resultante da elevação de 3,7% no preço de atacado do milho em Chapecó, parcialmente compensada pela alta de 0,6% no preço do frango vivo na mesma praça. O valor atual desse indicador está 8,9% abaixo daquele registrado em fevereiro de 2021. Isso significa que no início do ano passado eram necessários 25,1kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, quantidade que caiu para 22,9kg no corrente mês.

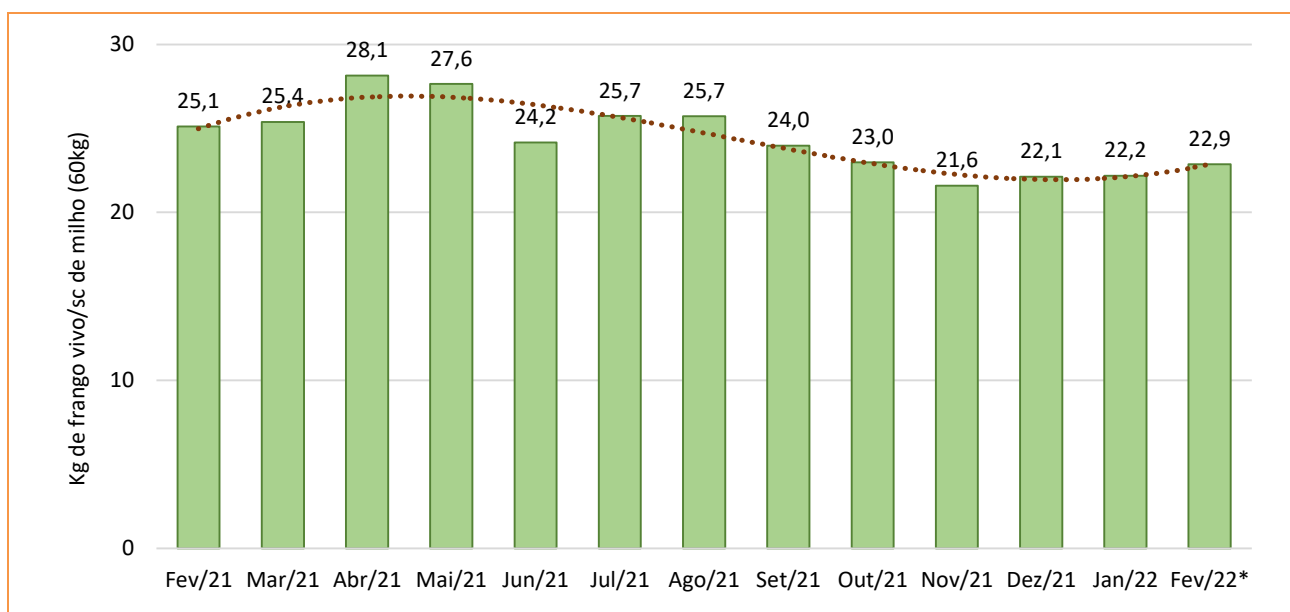


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **339,74 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de **14,5%** em relação ao mês anterior, mas alta de **20,2%** na comparação com janeiro de 2021. As receitas foram de **US\$604,89 milhões**, **-13,8%** em relação a dezembro, mas alta de **42,8%** na comparação com janeiro de 2021.

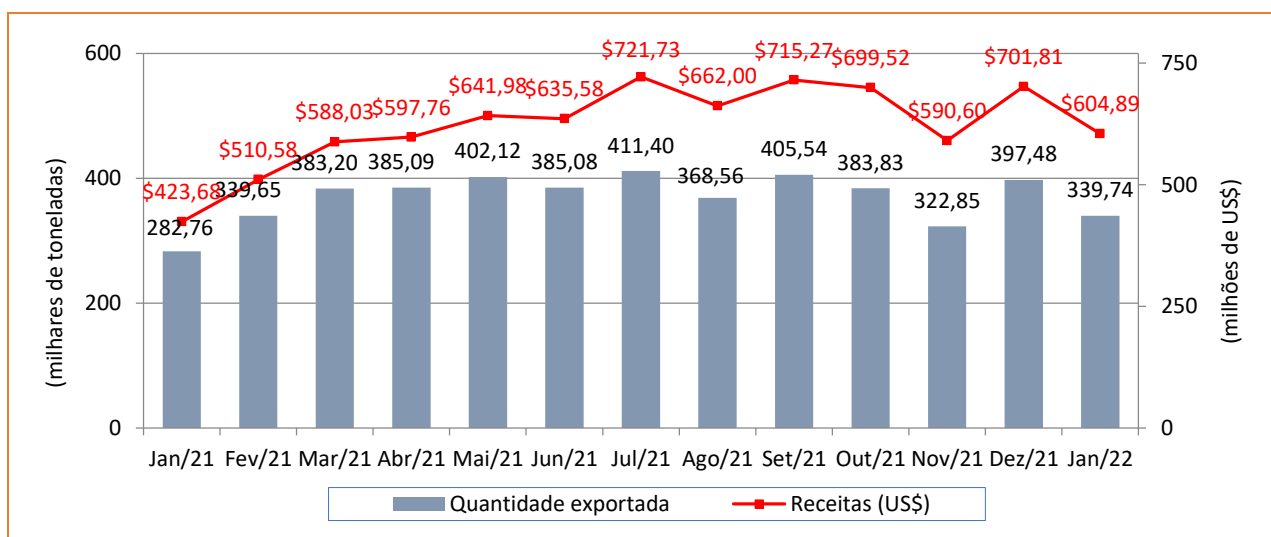


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango do ano foram China, Emirados Árabes Unidos, Japão, Países Baixos e Arábia Saudita, responsáveis por 50,2% das receitas.

De acordo com relatório recentemente divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em 2022 as importações chinesas de carne de frango devem crescer cerca de 2%, atingindo o montante de 800 mil toneladas. Esse cenário tende a favorecer o Brasil, que é um dos principais fornecedores dessa proteína para o mercado chinês.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **83,02 mil toneladas** de carne de frango em janeiro (*in natura* e industrializada), queda de **7,6%** em relação ao mês anterior, mas alta de **37,4%** na comparação com janeiro de 2021. As receitas foram de **US\$157,51 milhões**, **-5,2%** em relação ao mês anterior e alta de **58,2%** na comparação com janeiro de 2021.

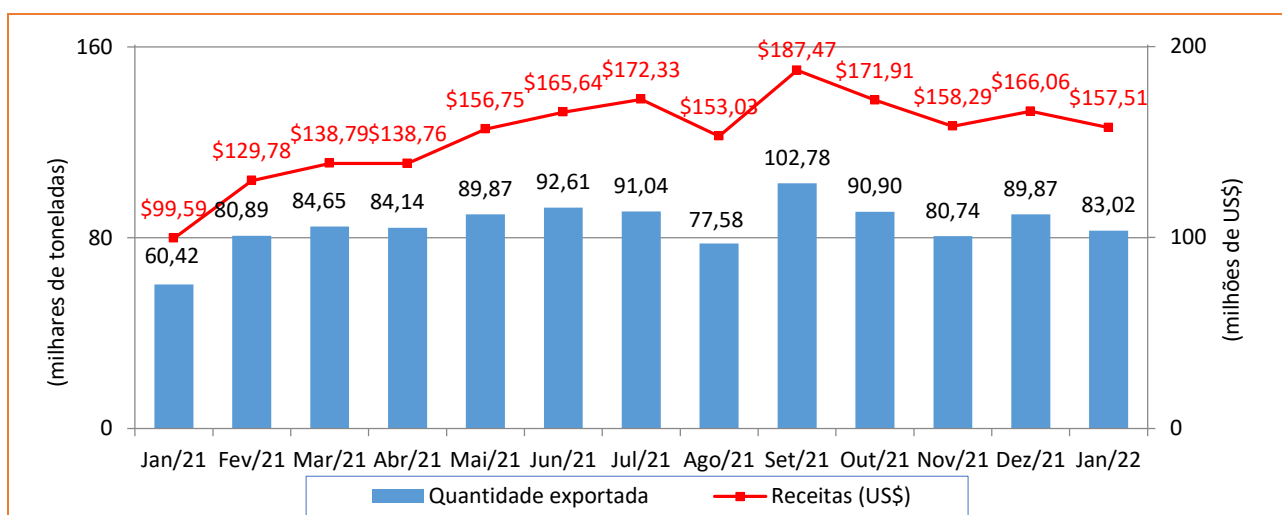


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O estado foi responsável por **24,4%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango no mês passado.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado em outubro foi de **US\$1.813/tonelada**, alta de **1,6%** em relação ao mês anterior e de **14,9%** na comparação com janeiro de 2021.

O estado foi responsável por **24,4%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango no mês passado.

A Tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, os quais responderam por 55,1% das receitas e 50,4% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan./2021		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	99.101.130,00	48.351
Emirados Árabes Unidos	79.188.456,00	42.853
Japão	59.835.821,00	30.667
Países Baixos	35.098.284,00	13.377
Arábia Saudita	30.563.718,00	15.335
Demais países	301.099.412,00	189.155
Total	604.886.821,00	339.738

Fonte: Comex Stat.

Todos os principais destinos do frango catarinense apresentaram alta nas receitas de janeiro, em relação ao mesmo mês do ano anterior, com destaque para Japão (11,6%), Países Baixos (87,1%) e Emirados Árabes Unidos (98,2%).

Produção

Os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 2021 registrou-se o abate de 6,17 bilhões de frangos no Brasil, alta de 2,8% em relação ao ano anterior. A produção de carne atingiu o montante de 14,60 milhões de toneladas, crescimento de 5,9% na comparação com 2020.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Depois de fortes altas no último trimestre de 2021 e em janeiro deste ano, nas primeiras semanas de fevereiro os preços do boi gordo apresentaram novamente quedas em quase todos os estados acompanhados. Em relação ao mês anterior, os valores preliminares de fevereiro apresentam as seguintes variações: -2,2% no Mato Grosso do Sul, -1,9% no Rio Grande do Sul, -1,8% no Mato Grosso, -1,2% em Minas Gerais, -1,1% em Goiás, -0,3% no Paraná e -0,1% em São Paulo. O único estado que apresentou variação positiva no período considerado foi Santa Catarina e, ainda assim, pouco expressiva: 0,2%.

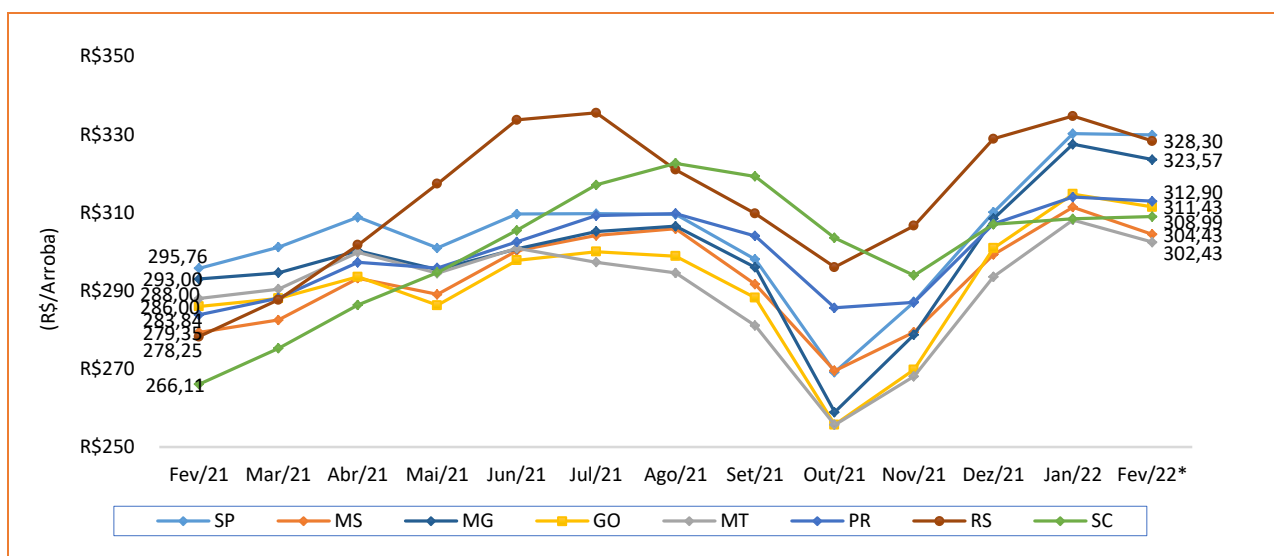


Figura 1. Boi gordo – SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾SEAB; ⁽⁴⁾Nespro.

Apesar da tendência predominante nas últimas semanas, na comparação entre os preços praticados em fevereiro de 2021 com os valores atuais, são observadas variações positivas em todos os casos: 18,0% no Rio Grande do Sul, 16,1% em Santa Catarina, 11,5% em São Paulo, 10,4% em Minas Gerais 10,2% no Paraná, 9,0% no Mato Grosso do Sul, 8,9% em Goiás e 5,0% no Mato Grosso. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,4%, segundo o IPCA/IBGE.

Analisando as duas praças de referência do preço do boi gordo em Santa Catarina, em Chapecó registrou-se alta de 3,0% em relação ao mês anterior, enquanto o preço de Lages manteve-se inalterado. Na comparação com fevereiro de 2021, há incremento de 18,5% em Chapecó e 23,7% em Lages.

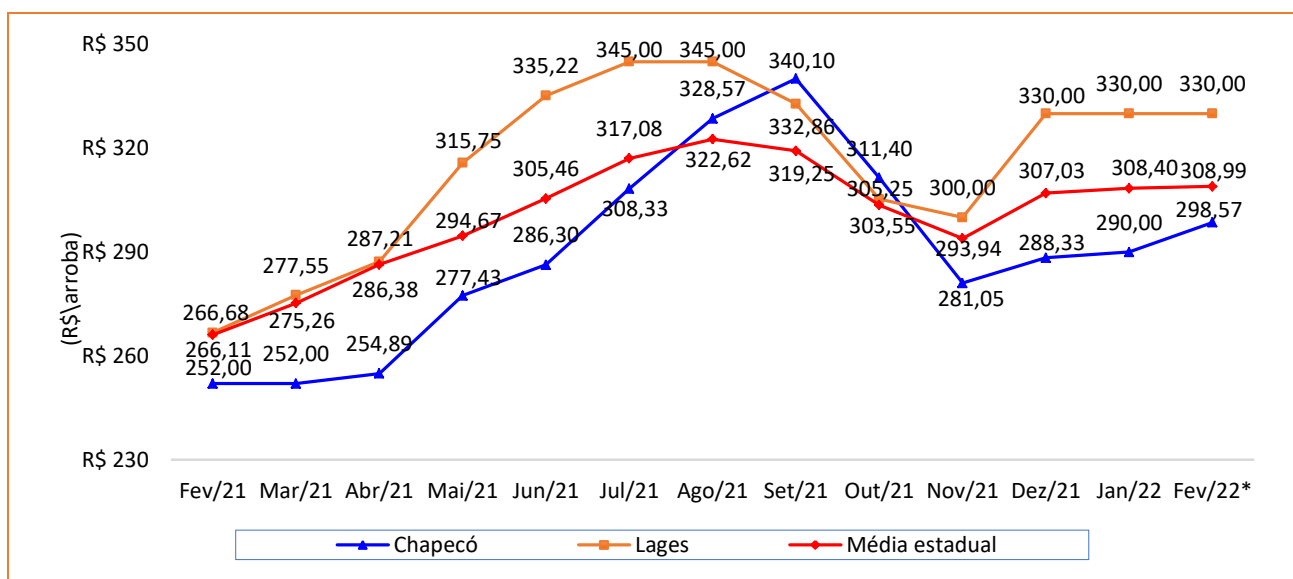


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina apresentaram altas nas primeiras semanas de fevereiro: a carne de dianteiro subiu 1,8% em relação ao mês anterior, enquanto a carne de traseiro registrou aumento de 1,0%. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de 1,4%.

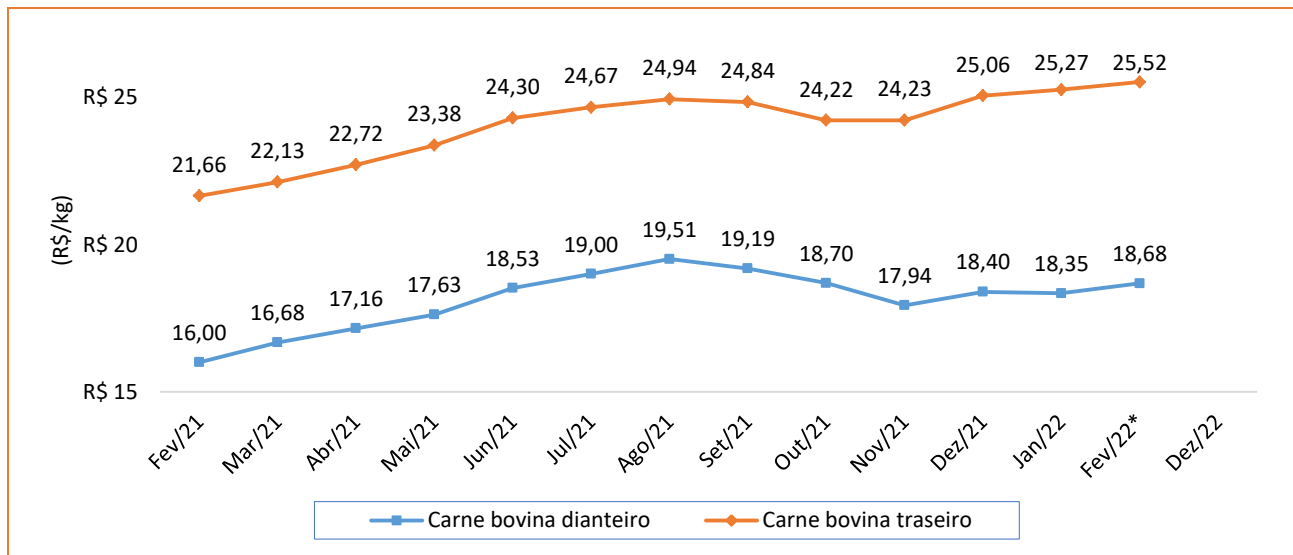


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em fevereiro de 2021, observam-se altas de 16,7% para a carne de dianteiro e de 17,8% para a carne de traseiro, com média de 17,3%.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina, que vinham registrando recuperação desde o início do último bimestre do ano passado, voltaram a apresentar variações negativas nas primeiras semanas de fevereiro. Em relação a janeiro, as quedas são de 5,1% para os bezerros de até 1 ano e 8,5% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com fevereiro de 2021, contudo, as variações ainda são positivas: 29,5% para os bezerros e 30,5% para os novilhos.

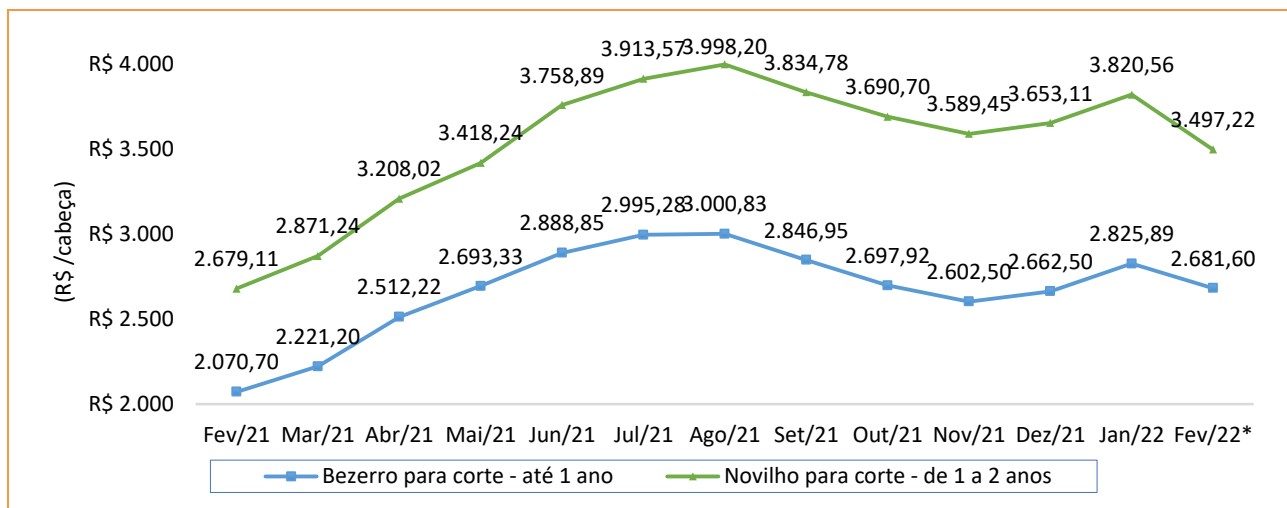


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **158,69 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), alta de **5,1%** na comparação com o mês anterior e de **25,7%** em relação a janeiro de 2021. As receitas foram de **US\$801,06 milhões**, crescimento de **10,4%** em relação ao mês anterior e de **46,2%** na comparação com janeiro de 2021. Esse é o melhor resultado mensal desde junho de 2021, tanto em quantidade quanto em receitas.

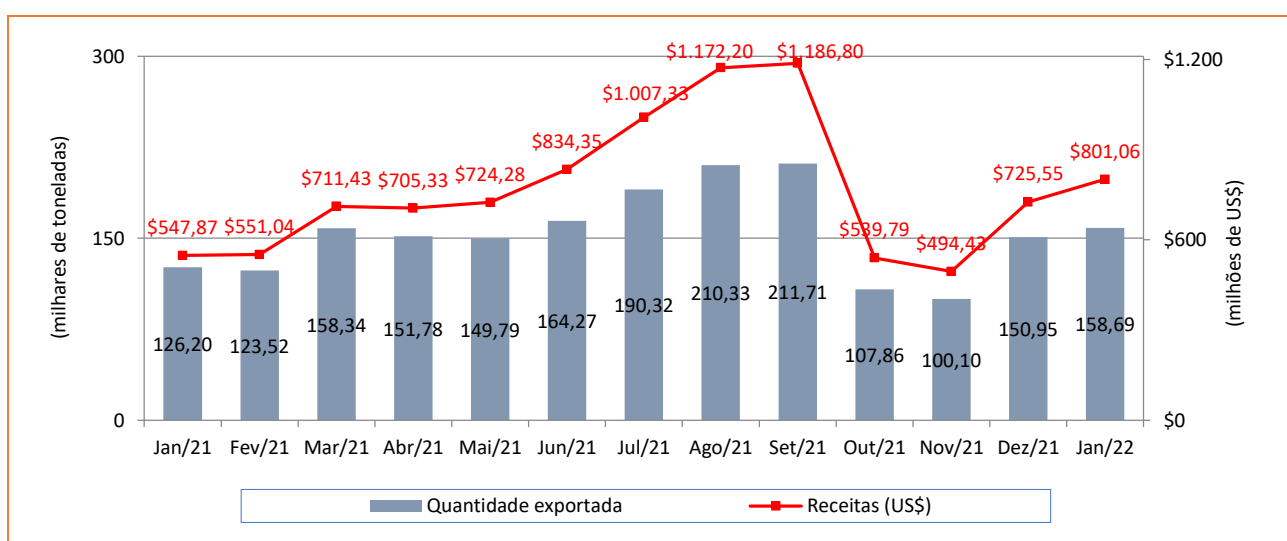


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Esses resultados devem-se tanto à retomada das exportações para a China, após a suspensão dos embarques de setembro a dezembro do ano passado, quanto ao crescimento para outros importantes destinos. Na comparação entre janeiro deste ano e o mesmo mês de 2021, destacam-se os crescimentos de China (14,4%), Estados Unidos (410,8%) e Egito (395,1%). Por outro lado, Hong Kong reduziu suas compras (-35,7% em receitas).

China e Hong Kong responderam por 53,2% das receitas com as exportações desse produto em janeiro.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo país em outubro foi de **US\$5.178/tonelada**, alta de **7,3%** em relação ao mês anterior e **14,8%** acima de janeiro de 2021.

Santa Catarina exportou **291 toneladas** de carne bovina em janeiro, com faturamento de **US\$977 mil**, quedas de 30,9% e 27,0% em relação ao mês anterior, respectivamente. Na comparação com janeiro de 2021, por sua vez, observam-se altas de 91,2% e 69,4%.

Produção

Os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 2021 registrou-se o abate de 27,38 milhões de bovinos no Brasil, queda de 8,4% em relação ao ano anterior. A produção de carne atingiu o montante de 7,29 milhões de toneladas, redução de 6,8% na comparação com 2020.

Suínocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas três primeiras semanas de fevereiro verificou-se quedas nas cotações do suíno vivo em todos os principais estados produtores, movimento que vem sendo observado desde outubro de 2020. O percentual de variação, no entanto, foi bastante distinto, oscilando de -1,6% a -8,7% (Figura 1).

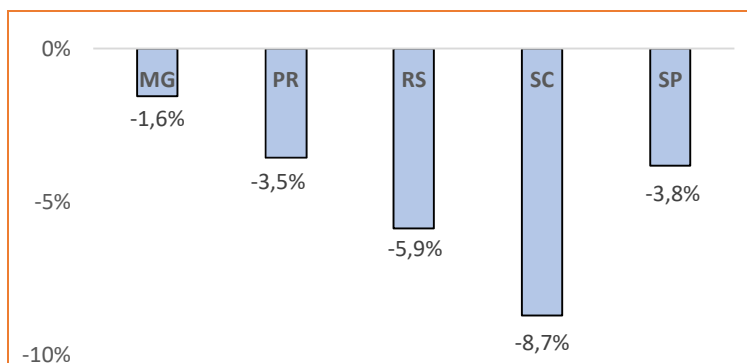


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (janeiro/fevereiro de 2022⁽¹⁾)

⁽¹⁾ Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Quando se comparam os preços preliminares do mês corrente com aqueles praticados em fevereiro de 2021, observam-se quedas ainda mais expressivas em todos os estados analisados: -34,1% no Paraná, -32,8% no Rio Grande do Sul, -26,0% em São Paulo, -23,0% em Minas Gerais e -18,4% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 10,4%, segundo o IPCA/IBGE.

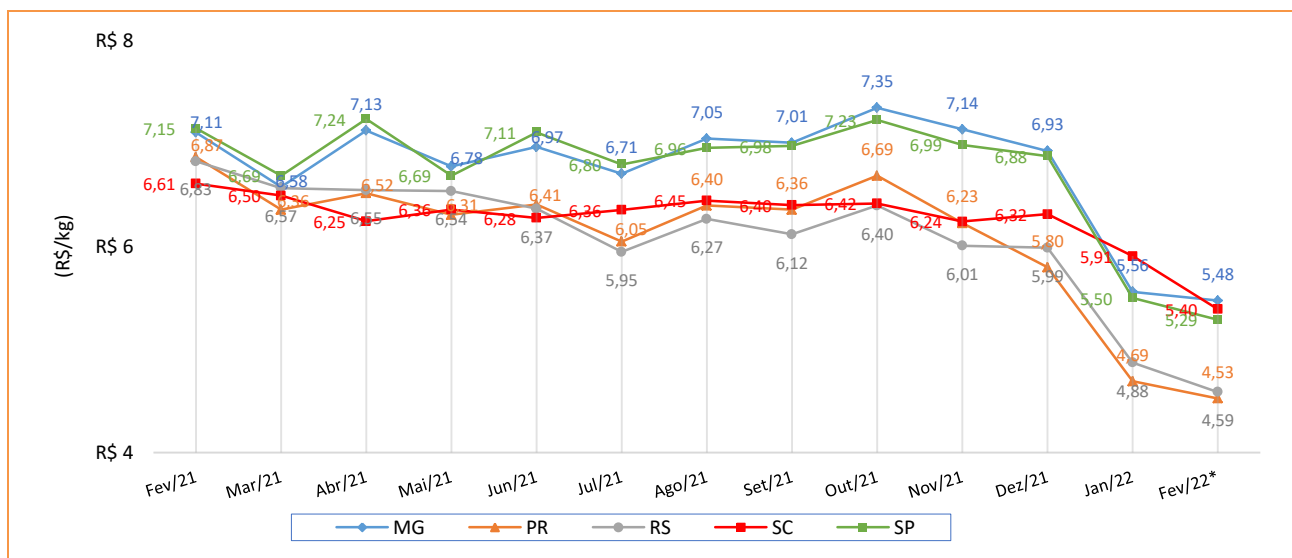


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Santa Catarina, os valores preliminares do suíno vivo na praça de referência (Chapecó) também apresentaram quedas nas primeiras semanas de fevereiro em relação a janeiro: -6,8% para o produtor independente e -9,8% para o integrado. Na comparação com fevereiro de 2021, os preços pagos aos produtores independentes e integrados apresentam quedas de 17,8% e 17,5%, respectivamente.

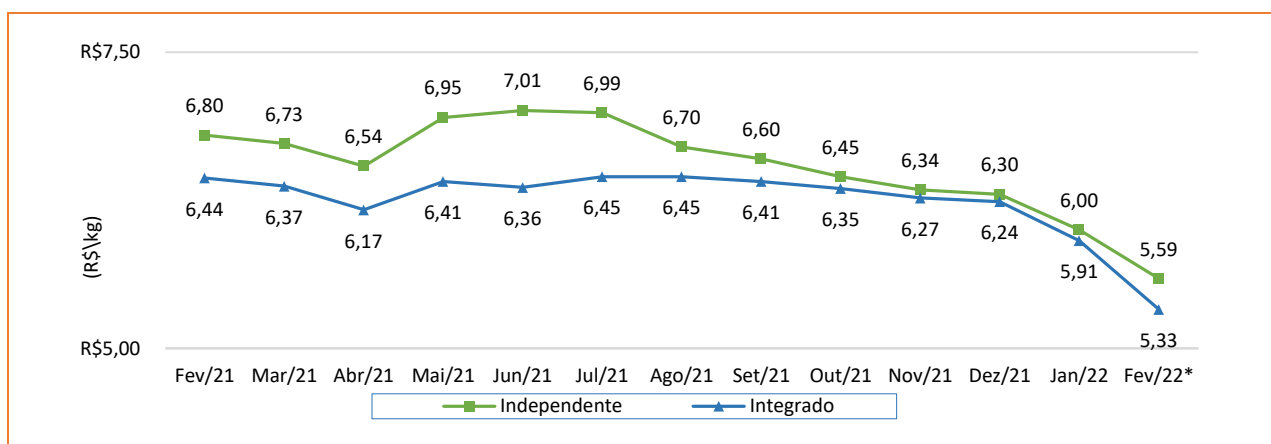


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de fevereiro, os preços de atacado da carne suína apresentaram predominância de queda em relação ao mês anterior, em alguns casos bem expressivas: carré (-12,4%), carcaça (-4,9%), costela (-1,2%) e pernil (-0,6%). Somente o lombo registrou variação positiva (3,6%). Na média de todos os cortes, a variação foi de -3,1%. Vale destacar que em janeiro já havia sido registrada queda bastante expressiva (-11,3% na média dos cinco cortes).

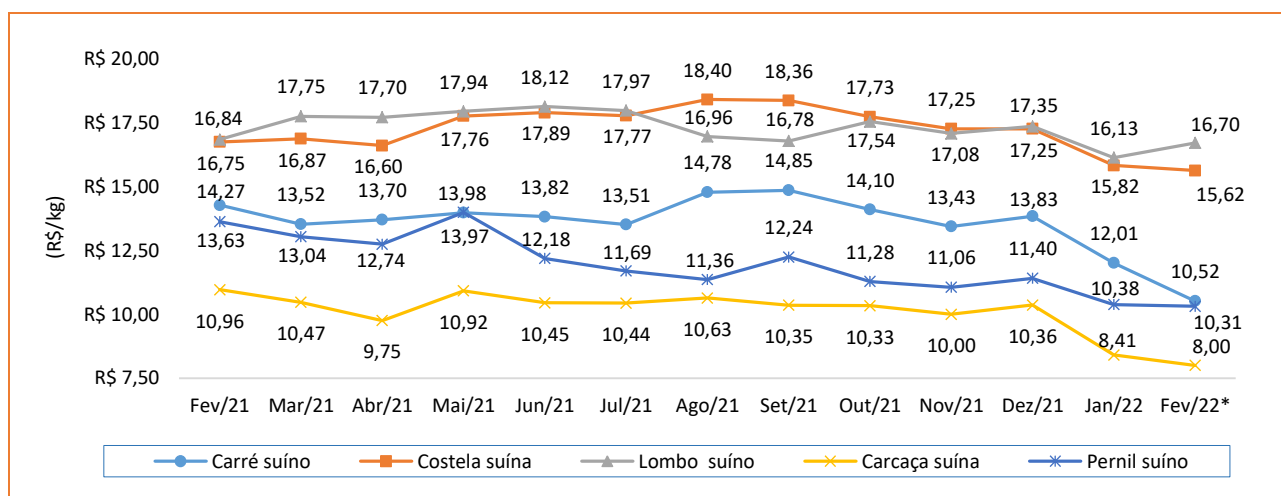


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os valores do corrente mês e fevereiro de 2021, são observadas variações negativas em todos os cortes: carcaça (-27,0%), carré (-26,3%), pernil (-24,3%), costela (-6,7%) e lombo (-0,8%). Na média dos cinco cortes, verifica-se queda de 17,0%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em janeiro o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,48/kg de peso vivo, alta de 6,8% em relação ao mês anterior. A alta nos últimos 12 meses é de 12,8%. A alimentação representou 82,0% dos custos de produção dos suínos no último mês.

Nas primeiras semanas de fevereiro, os preços dos leitões novamente apresentaram quedas, movimento que predomina desde meados do ano passado. Em relação ao mês anterior, o preço dos leitões de 6 a 10kg caiu 6,8%, enquanto os leitões de aproximadamente 22kg tiveram queda de 5,3%. Na comparação com fevereiro de 2021 também se observam quedas em ambas as categorias: -12,7% para os leitões de 6 a 10kg e -12,6% para os leitões de aproximadamente 22kg.

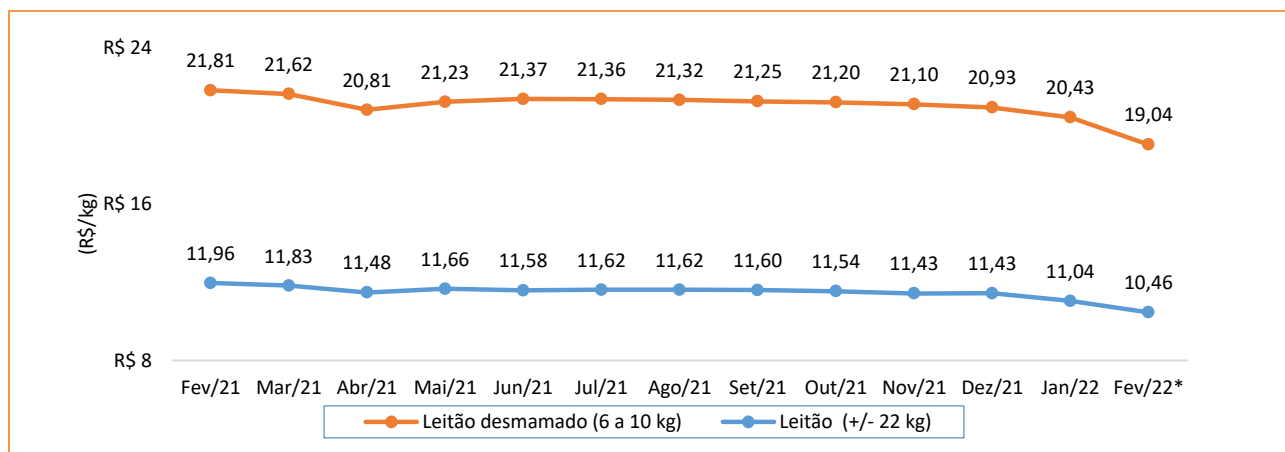


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de fevereiro são preliminares, relativos ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou alta expressiva nas três primeiras semanas de fevereiro em relação ao mês anterior: 13,1%. Esse resultado é decorrente tanto da queda no preço do suíno vivo em Chapecó (-8,3%), quanto da elevação no preço do milho na mesma praça (3,7%). O valor atual está 43,0% acima daquele observado em fevereiro de 2021. Isso significa que, em fevereiro de 2021, o suinocultor precisava de 13,6kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, enquanto atualmente são necessários 19,5kg para adquirir o mesmo produto.

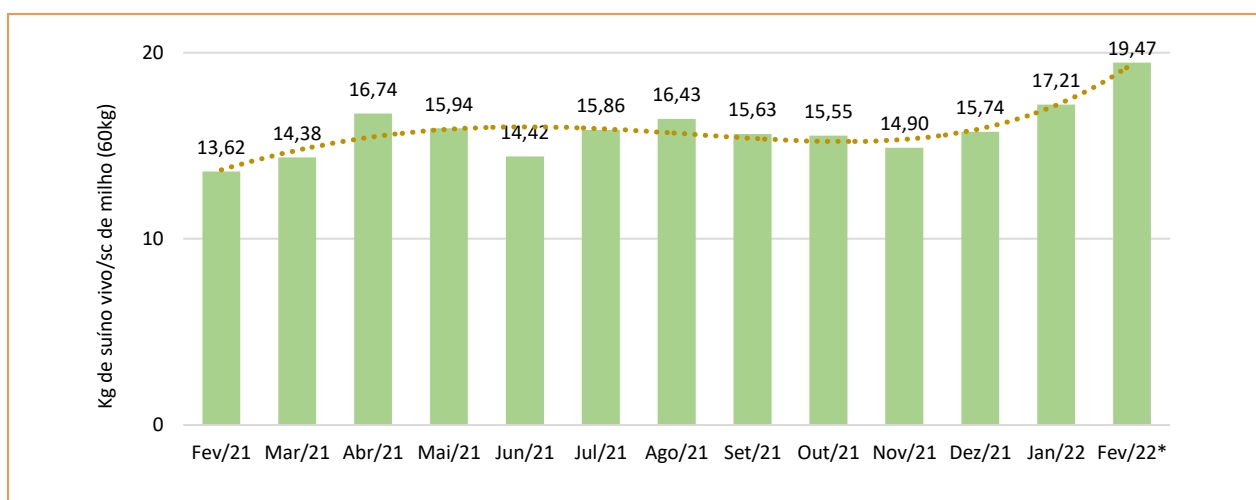


Figura 6. Suíno vivo - Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de fevereiro é preliminar, relativo ao período de 1 a 18/fev./2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em janeiro, o Brasil exportou **73,47 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de **16,5%** em relação ao mês anterior, mas alta de **18,5%** na comparação com janeiro de 2021. As receitas, por sua vez, foram de **US\$159,29 milhões**, valor **15,8%** abaixo do mês anterior, mas **9,7%** superior a janeiro de 2021.

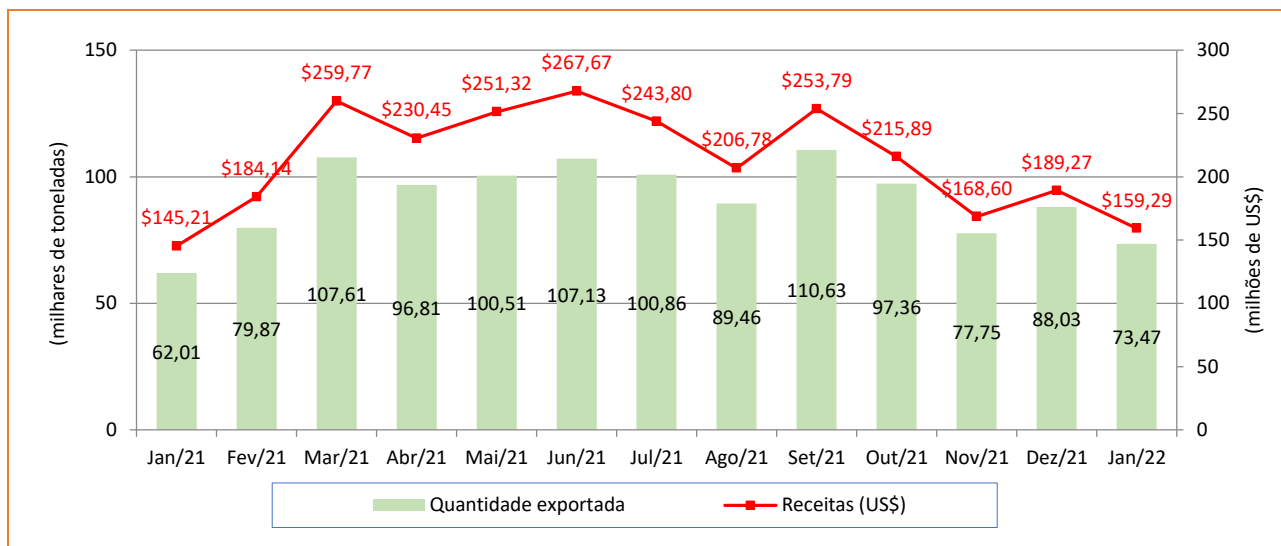


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína em janeiro foram China (42,3% do total), Hong Kong (8,4%), Argentina (6,3%), Filipinas (5,8%) e Japão (5,4%), responsáveis por 68,2% das receitas no período.

Santa Catarina, por sua vez, exportou **44,59 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em janeiro, queda de **3,7%** em relação ao mês anterior, mas alta de **47,4%** em relação a janeiro de 2021. As receitas foram de **US\$98,04 milhões**, **-3,9%** em relação ao mês anterior e alta de **38,6%** na comparação com janeiro de 2021.

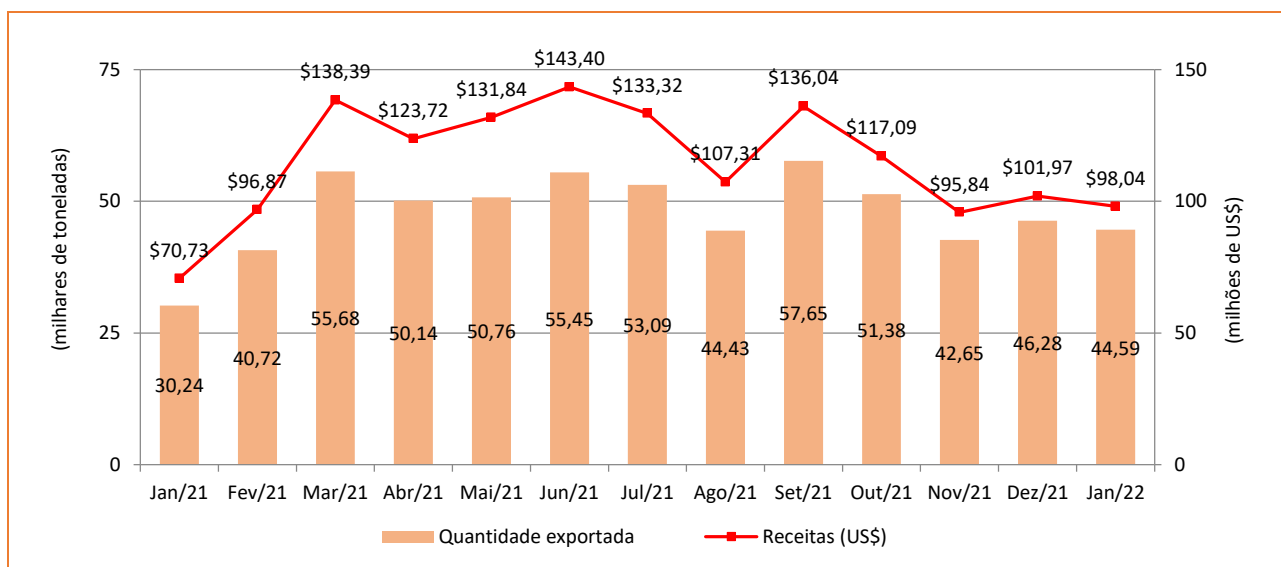


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em janeiro foi de **US\$ 2.220/tonelada**, queda de **1,5%** em relação ao mês anterior e de **8,8%** quando comparado ao valor de janeiro de 2021.

Santa Catarina respondeu por **61,5%** das receitas e **60,4%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil no mês passado.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na Tabela 1, foram responsáveis por 79,4% das receitas de janeiro. China e Hong Kong responderam por 57,3%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – Jan./2021

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	67.389.719,00	31.470
Hong Kong	13.309.794,00	6.733
Argentina	10.101.116,00	4.104
Filipinas	9.163.332,00	4.470
Japão	8.614.576,00	2.109
Demais países	50.706.567,00	24.580
Total	159.285.104,00	73.466

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, quase todos apresentaram variações positivas nas receitas de janeiro em relação ao mesmo mês de 2021, com destaque para China (17,2%), Filipinas (872,2%), Japão (207,2%) e Estados Unidos (132,8%). Variação negativa foi registrada nos embarques para Hong Kong (-34,1%).

Produção

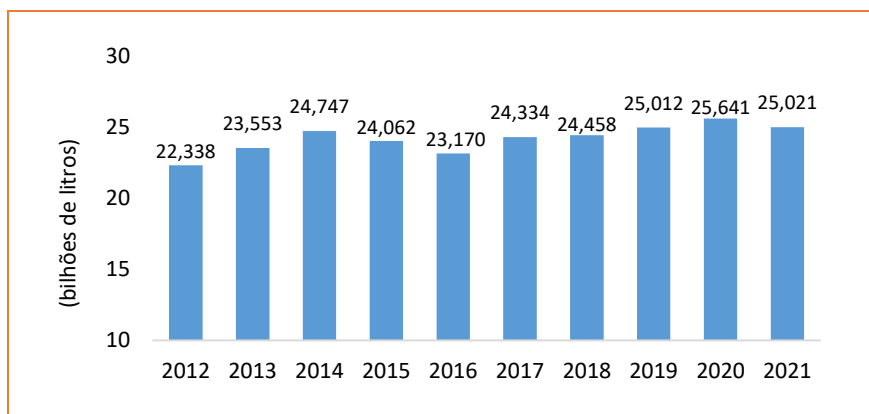
Os dados preliminares divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que em 2021 registrou-se o abate de 52,86 milhões de suínos no Brasil, alta de 7,1% em relação ao ano anterior. A produção de carne atingiu o montante de 4,87 milhões de toneladas, crescimento de 8,6% na comparação com 2020.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 10 de fevereiro, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite, com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil no quarto trimestre de 2021. Com isso estão provisoriamente fechados os dados de todos os meses e o total de leite adquirido pelas indústrias inspecionadas em 2021 (Figura 1).



A queda de 2,4%⁷ de 2020 para 2021 é explicada pelo péssimo desempenho verificado no segundo semestre, quando a quantidade de leite adquirida pelas indústrias brasileiras decresceu expressivos 5,3% em relação ao mesmo período de 2020 (Tabela 1).

Figura 1. Brasil – Leite Cru adquirido pelas indústrias inspecionadas

Tabela 1. Brasil – Leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas					
Mês	Bilhão de litros			Variação (%)	
	2019	2020	2021	2019-20	2020-21
Janeiro	2,207	2,272	2,347	2,9	3,3
Fevereiro	1,933	2,066	2,050	6,9	-0,8
Março	2,055	2,109	2,176	2,6	3,2
Abril	1,911	1,969	1,945	3,0	-1,2
Mai	1,975	1,957	1,960	-0,9	0,2
Junho	1,974	1,949	1,932	-1,3	-0,9
1º semestre	12,055	12,322	12,410	2,2	0,7
Julho	2,075	2,143	2,036	3,3	-5,0
Agosto	2,128	2,199	2,084	3,3	-5,2
Setembro	2,081	2,174	2,075	4,5	-4,6
Outubro	2,203	2,236	2,116	1,5	-5,4
Novembro	2,186	2,224	2,121	1,7	-4,6
Dezembro	2,283	2,343	2,180	2,6	-7,0
2º semestre	12,956	13,319	12,612	2,8	-5,3
Total anual	25,012	25,641	25,021	2,5	-2,4

2020 e 2021: Dados preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

⁷ Considerando que 2020 foi ano bissexto, a redução real é de 2,2%.

Em março, o IBGE divulgará essa mesma pesquisa com os dados das unidades da federação, quando possivelmente haverá mudanças nesses primeiros resultados de âmbito nacional. Contudo, o histórico é de mudanças pouco significativas, o que indica forte possibilidade de confirmação desse péssimo desempenho da produção leiteira nacional em 2021, decorrente de algumas razões, entre as quais a combinação de pressão de custos de produção com reduções de preços para indústrias lácteas e produtores de leite. Isso continua nesse início de 2022, vislumbrando-se um cenário de repetição de fraco desempenho da produção leiteira nacional, mesmo que não se repitam as anomalias climáticas de 2021, que também repercutiram negativamente sobre a produção de algumas importantes bacias leiteiras brasileiras.

Balança comercial

Em janeiro de 2022, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil foi quase 52% menor que a do mesmo mês de 2021. Essa expressiva queda é uma repetição do que ocorre desde agosto de 2021 e tende a se repetir pelo menos em fevereiro e março, meses em que as importações de 2021 ainda se apresentavam em patamares superiores aos atuais. A quantidade exportada em janeiro teve comportamento inverso, com crescimento de 38,3% sobre janeiro de 2021 (Tabela 2).

Tabela 2. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilo								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Janeiro	10,6	17,8	8,6	2,9	2,4	3,3	-7,7	-15,5	-5,4
Fevereiro	8,8	15,1	-	1,8	1,8	-	-7,0	-13,4	-
Março	9,4	14,4	-	2,5	2,8	-	-6,8	-11,6	-
Abril	6,0	7,3	-	1,8	4,3	-	-4,2	-3,0	-
Mai	7,5	8,3	-	2,3	3,3	-	-5,2	-5,0	-
Junho	8,4	8,8	-	2,2	4,0	-	-6,3	-4,9	-
Julho	12,6	9,6	-	2,7	3,5	-	-9,9	-6,1	-
Agosto	18,0	10,0	-	2,7	3,0	-	-15,3	-7,0	-
Setembro	22,8	10,6	-	2,4	2,5	-	-20,4	-8,1	-
Outubro	22,1	12,1	-	2,7	2,1	-	-19,5	-10,0	-
Novembro	22,9	11,3	-	2,5	2,2	-	-20,4	-9,1	-
Dezembro	22,4	11,1	-	2,5	3,4	-	-19,9	-7,7	-
Total	171,6	136,5	-	29,0	35,1	-	-142,6	-101,4	-

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat

Preços

No Boletim Agropecuário anterior destacou-se que na reunião do mês de janeiro do Conleite/SC (dia 26) poderia se repetir o ocorrido nas reuniões de novembro e dezembro de 2021, que foi a não aprovação da resolução com os preços de referência para publicação. Isso se confirmou e, em Santa Catarina, segue-se sem esse parâmetro mensal divulgado desde agosto de 2007, mês da primeira resolução do Conleite/SC. A reunião de fevereiro está marcada para o dia 25, quando se espera a retomada da publicação mensal das resoluções.

Os levantamentos da Epagri/Cepa, que referenciam o cálculo do preço médio recebido pelos produtores catarinenses no mês de fevereiro, indicam que o preço médio do mês foi levemente acima do preço médio de janeiro, que já havia apresentado melhora em relação ao preço médio de dezembro (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2019	2020	2021	2022	2020-21	2021-22
Janeiro	1,09	1,22	1,94	1,90	59,0	-2,1
Fevereiro	1,17	1,26	1,78	1,92	41,3	7,9
Março	1,25	1,29	1,71	-	32,6	-
Abril	1,27	1,28	1,76	-	37,5	-
Maiο	1,32	1,19	1,84	-	54,6	-
Junho	1,32	1,31	1,99	-	51,9	-
Julho	1,23	1,50	2,15	-	43,3	-
Agosto	1,19	1,66	2,17	-	30,7	-
Setembro	1,21	1,87	2,17	-	16,0	-
Outubro	1,21	1,95	2,12	-	8,7	-
Novembro	1,19	1,92	1,95	-	1,6	-
Dezembro	1,18	1,97	1,84	-	-6,6	-
Média anual	1,22	1,54	1,95	-	27,1	-

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Embora importante, essas recuperações nos preços recebidos ainda são insuficientes para cobrir os custos de produção de parte dos produtores. A expectativa é de que isso se altere com redução ainda mais significativa da oferta interna, que deve acontecer, sobretudo, a partir de abril. Isso indica a precariedade da demanda interna atual de lácteos. Não fosse isso, certamente os preços internos já teriam reagido com a expressiva queda na quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas no segundo semestre de 2021.